

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico
Estágio Profissional I e II

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Vânia Lúcia Jesus Oliveira

Orientadora: Professora Doutora Paula Colares Pereira

Lisboa, setembro de 2011

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico
Estágio Profissional I e II

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Vânia Lúcia Jesus Oliveira

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do
Ensino Básico, sob a orientação da Professora Doutora Paula Colares Pereira

Lisboa, setembro de 2011

AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa um esforço realizado ao longo deste ano, que exigiu muito empenho e devoção. Asseguro, que só foi possível através do apoio e coadjuvação de muitas pessoas, às quais quero deixar bem referido neste espaço, o meu honesto agradecimento.

Agradeço à Escola Superior de Educação João de Deus, ao corpo docente que, ao longo destes quatro anos me formaram e disponibilizaram o seu contributo, permitindo assim, melhorar e ultrapassar as dificuldades sentidas.

À Professora Doutora Paula Colares Pereira, que sempre me apoiou através da sua disponibilidade e conduta profissional. À Suzana Cardoso e, em especial, à Joana Garcia pela amizade, tolerância, apoio e compreensão, que sempre demonstrou ao longo dos quatro anos que, sempre juntas, partilhámos.

Ao meu pai e à minha mãe, pela abdicação de inúmeros projetos em prol da minha futura carreira profissional. Ressalto o apoio afetivo que me deram e, congratulo-os por nunca me terem deixado desmotivar com as palavras de força e compreensão que sempre me deram, foram sem dúvida, muito importantes para o alcance deste objetivo.

Ao meu irmão pela disponibilidade apresentada sempre que precisei e por fazer questão de ser peculiar na minha vida.

Aos meus avós que embora estejamos afastados fazem parte da minha vida todos os dias e aos quais devo grande parte do que sou hoje

Aos professores do Jardim-Escola João de Deus da Estrela que foram incansáveis e bastantes cooperantes ao longo dos três anos que realizei a minha Prática Pedagógica, em particular à professora Ana Maria Barbosa pela amizade que sempre demonstrou e pela ajuda e receptividade que a caracteriza e que muito me foi profícua para a realização deste trabalho, o meu muito obrigada.

ÍNDICE

Índice de Figuras	IX
Índice de Quadros	X
INTRODUÇÃO	1
1. Identificação do local	3
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional	3
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional	4
4. Identificação do Grupo de Estágio	4
5. Metodologia utilizada	5
6. Pertinência do Estágio Profissional	5
7. Cronograma	6
CAPÍTULO 1 – RELATOS DIÁRIOS	9
INTRODUÇÃO	11
1.1. 1. ^a Secção - 1.º Momento de Estágio (4.º Ano B)	13
1.1.1 Caracterização da turma	14
1.1.2 Caracterização do Espaço	14
1.1.3. Horário do 4.º Ano B	15
1.1.4. Relatos diários	16
1.2. 2. ^a Secção - 2.º Momento de Estágio (1.º Ano B)	34
1.2.1 Caracterização da turma	34
1.2.2. Caracterização do Espaço	35
1.2.3. Horário do 1.º Ano B	37
1.2.4. Relatos diários	37

1.3.	3. ^a Secção - 3. ^o Momento de Estágio (2. ^o Ano B)	50
1.3.1.	Caracterização da turma	51
1.3.2.	Caracterização do Espaço	51
1.3.3.	Horário do 2. ^o Ano B	52
1.3.4.	Relatos diários	53
1.4.	4. ^a Secção - 4. ^o Momento de Estágio (Estágio Intensivo)	65
1.4.1.	Relatos diários	65
1.5.	5. ^a Secção - 5. ^o Momento de Estágio (3. ^o Ano B)	69
1.5.1.	Caracterização da turma	69
1.5.2.	Caracterização do Espaço	70
1.5.3.	Horário do 3. ^o Ano B	71
1.5.4.	Relatos diários	72
	CAPÍTULO 2 - PLANIFICAÇÕES	87
2.1.	Fundamentação Teórica	89
2.2.	Planificações fundamentadas	91
2.2.1.	Planificação da aula na área da Matemática	91
2.2.2.	Planificação da aula na área da Língua Portuguesa	93
2.2.3.	Planificação da aula na área da Estudo do Meio	99
2.2.4.	Planificação da Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional	99
	CAPÍTULO 3 - DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO	103
3.1.	Fundamentação Teórica	104
3.2.	Dispositivo de avaliação da atividade de Matemática	105

3.2.1.	Contextualização da atividade	105
3.2.2.	Descrição da escala de avaliação, parâmetros e critérios	106
3.2.3.	Grelha de avaliação da atividade de Matemática	107
3.2.4.	Apresentação e análise dos resultados em gráfico	109
3.3.	Dispositivo da avaliação da atividade de Língua Portuguesa	110
3.3.1.	Contextualização da atividade	110
3.3.2.	Descrição de parâmetros, critérios e cotações	111
3.3.3.	Grelha de avaliação da atividade na área de Língua Portuguesa	113
3.3.4.	Apresentação e análise dos resultados em gráfico	115
3.4	Dispositivo de avaliação da atividade de Estudo do Meio	116
3.4.1.	Contextualização da atividade	116
3.4.2.	Descrição de parâmetros, critérios e cotações	117
3.4.3.	Grelha de avaliação da atividade da área de Estudo do Meio	118
3.4.4.	Apresentação e análise dos resultados em gráfico	120
	CAPÍTULO 4 - Reflexões FINAIS	123
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1	Organização da roda do Acolhimento	11
Figura 2	Perspetiva da sala do 4.º Ano B	15
Figura 3	Perspetiva da sala do 1.º Ano B	36
Figura 4	Perspetiva da sala do 2.º Ano B	52
Figura 5	Perspetiva da sala do 3.º Ano B	71
Figura 6	Gráfico dos resultados da atividade da Matemática	109
Figura 7	Gráfico dos resultados da atividade de Língua Portuguesa	115
Figura 8	Esquema da ficha de Estudo do Meio	119
Figura 9	Gráfico dos resultados da atividade de Estudo do Meio	120

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1	Cronograma	7
Quadro 2	Hino do Jardim-Escola João de Deus	12
Quadro 3	Horário do 4.º Ano B	15
Quadro 4	Horário do 1.º Ano B	37
Quadro 5	Horário do 2.º Ano B	53
Quadro 6	Horário do 3.º Ano B	71
Quadro 7	Exemplo de uma Planificação baseada no modelo T de Aprendizagem	90
Quadro 8	Plano de Aula na área da Matemática	91
Quadro 9	Plano de Aula na área da Língua Portuguesa	93
Quadro 10	Plano da aula na área de Estudo do Meio	96
Quadro 11	Plano da Prova de Avaliação da Capacidade Profissional	100
Quadro 12	Escala de avaliação utilizada	106
Quadro 13	Apresentação dos parâmetros, critérios e cotações	107
Quadro 14	Grelha de avaliação na área da Matemática	107
Quadro 15	Exemplificação da proposta de registo da área de Língua Portuguesa	111
Quadro 16	Apresentação dos parâmetros, critérios e cotações	111
Quadro 17	Grelha de avaliação na área da Língua Portuguesa	113
Quadro 18	Apresentação dos parâmetros, critérios e cotações	117
Quadro 19	Grelha de avaliação na área de Estudo do Meio	118

Introdução

1. Identificação do local de estágio

O Jardim-Escola João de Deus da Estrela, fundado em 1915, com projeto de Raul Lino, está situado na cidade de Lisboa, numa área maioritariamente residencial, numa zona de grande tráfego e perto do Jardim da Estrela e do Liceu Pedro Nunes.

Relativamente ao espaço físico, tem salas de aula, biblioteca, sala de informática, sala multiusos, ginásio, cantina, cozinha, um salão, casas de banho para crianças, casas de banho para adultos, secretaria, gabinete de direção, sala de professores, despensa e, anexado um ateliê de cerâmica.

O Estágio Profissional iniciou-se a 12 de outubro de 2010 e terminou a 1 de julho de 2011, realizando-se três vezes por semana (segundas-feiras, terças-feiras e sextas-feiras) com a duração de 12 horas semanais. O estágio profissional foi dividido em quatro momentos: de 18 de outubro a 29 de novembro no 4.º B, de 30 de novembro a 11 de fevereiro no 1.º B; de 14 de fevereiro a 15 de abril no 2.º B e de 2 de maio a 8 de julho no 3.º B.

Neste relatório profissional também constam com os relatos diários de uma semana de contacto com a realidade educativa no Jardim-Escola João de Deus na Estrela durante o período de 28 de fevereiro e 4 de março do presente ano.

2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional

O presente relatório foi realizado no âmbito do Estágio Profissional I e II. Exibe um trabalho elaborado durante a realização de um estágio de observação de recolha de dados e análise documental bem como, planificações das atividades realizadas em sala de aula, dispositivos de avaliação e as reflexões finais.

Este trabalho está organizado estruturalmente pela Capa, Agradecimentos, Índice Geral, Índice de Figuras, Índice de Quadros, Introdução, 4 Capítulos (relatos diários, planificações, dispositivos de avaliação e reflexões finais) e, por fim, as Referências Bibliográficas.

3. Importância da elaboração do relatório do Estágio Profissional

A realização do relatório de estágio assenta no facto deste ser fundamental para a conclusão do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, uma vez que me dará a habilitação profissional para me facultar a aptidão de docente.

Com este relatório pretende-se meditar e consolidar tudo aquilo que se aprendeu durante o estágio profissional, o que, futuramente, contribuirá para o meu desempenho com professora titular de turma.

A elaboração deste trabalho é igualmente importante tendo em conta o facto de descrever tanto as aulas que dei, como as aulas do meu par de estágio e até as aulas que observei dos professores titulares das turmas por onde passei durante os vários momentos de estágio. Deste modo, foi necessária a procura de informação que retirei de obras de vários autores, afim de proceder à fundamentação teórica das aulas acima mencionadas.

O estágio profissional ajudou à construção da minha futura identidade profissional, na medida em que me permitiu um maior contacto com a realidade educativa.

Com isto, concluo que a elaboração do relatório e o estágio propriamente dito permitiu-me adquirir uma visão mais abrangente da realidade escolar.

4. Identificação do grupo de estágio

O grupo de estágio é constituído e pela minha colega e amiga, Joana Garcia e por mim. Pelo facto de sermos um par de estágio desde o 2.º Ano da Licenciatura, interagimos e apoiamo-nos mutuamente na realização, organização e planificação de aulas e realização de materiais a promover nas aulas que preparamos, o que facilita imensamente no cumprimento das mesmas.

O facto de sermos um grupo e de termos uma grande capacidade organizativa e crítica faz com que, ao observarmos as aulas de cada uma, seja inteligível o reconhecimento das principais dificuldades, aspetos a melhorar e as capacidades uma da outra. Com as críticas feitas pelo meu par de estágio, relativamente às aulas e atividades

que fui pondo em prática, foi-me possível melhorar e progredir ao longo de todo o período de estágio.

5. Metodologia utilizada

A técnica de recolha de dados foi a observação e de recolha documental. Nesta metodologia adotada a técnica assenta na observação direta, significa por isso que o processo foi elaborado diretamente à recolha de dados e informação. Assim, e segundo Quivy (2003, p.165) “os sujeitos observados não intervêm na produção da informação procurada. Esta é manifestada e recolhida diretamente neles pelo observador.” Segundo o mesmo autor (2003, p.164) “o próprio investigador precede diretamente à recolha das informações,(...) apela diretamente ao seu sentido de observação.”

A amostra que será tida em conta constitui, nesta observação, uma turma da cada faixa etária (6,7,8 e 9 anos). Conforme afirma o autor acima referido (2003, p.155) “a observação engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipóteses e por conceitos) é submetido ao teste dos factos e confrontado com dados observáveis. Ao longo desta fase são reunidas numerosas informações.”

6. Pertinência do Estágio Profissional

No âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional, foi-me solicitado que realizasse um Relatório de Estágio Profissional, estruturado com: Introdução; 4 Capítulos, Relatos Diários; Planificações; Dispositivos de avaliação, reflexões finais e Referencias Bibliográficas. Foi-me solicitado também que, registasse os Relatos Diários com as respetivas inferências e fundamentação de acordo com as referências bibliográficas, bem como a documentação e planificações das aulas e atividades que realizei em sala de aula.

O estágio profissional teve início a 12 de Outubro de 2010 e terminou a 1 de Julho de 2011. O registo diário foi realizado em cada faixa etária (6, 7, 8 e 9 anos).

Segundo Alegria, citado por Matono (2009, p.28):

“ (...) ao proporcionar diferentes possibilidades de aproximação ao contexto educativo, o estágio cria condições para a autonomia. No

decorso desse ano de experiência, o futuro docente desenvolve as competências indispensáveis ao exercício da profissão, por meio da participação em múltiplas actividades que têm lugar na escola, pela experiência que adquire no campo da didáctica, reflectindo e avaliando criticamente as diferentes estratégias educativas que vai ensaiando.”

Deste modo, quero registar a minha satisfação pela aquisição de competências que vou adquirir ao longo desta prática orientada que por certo me irá ajudar a conquistar a minha autonomia enquanto professora.

7. Cronograma

No cronograma que irei apresentar (quadro 1) assinalo os dias correspondentes ao Estágio Profissional, bem como os dias da elaboração do presente Relatório. O tempo foi distribuído da seguinte forma: 376 horas para aulas observadas; 26 horas para aulas programadas; 16 horas para reuniões de Prática Pedagógica; 1:15h para a Prova Prática de Aptidão para a Capacidade Profissional; 35 horas de contacto intensivo com a realidade educativa; 28 horas para reuniões de acompanhamento com a Orientadora, 70 horas para pesquisas bibliográficas e 110 horas para a elaboração do Relatório de Estágio, perfazendo um total de 592 horas e 15 minutos.

Metodologicamente este relatório foi realizado de acordo com as normas APA (American Psychological Association) e Azevedo (2000) de forma a organizarmos a construção do trabalho que realizamos.

Quadro 1 - Cronograma

Quadro 1 - Cronograma

Meses	outubro				novembro				dezembro				janeiro				fevereiro				março				abril				maio				junho				julho											
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4								
Atividades																																																
Observação de Aulas					X												X																															
Aulas programadas																																																
Aula surpresa																																																
Pesquisa Bibliográfica																																																
Elaboração do Relatório de estágio																																																
Reuniões de acompanhamento																																																

Capítulo 1
Relatos Diários

Introdução

Neste capítulo irei apresentar os relatos diários correspondentes às cinco secções – momentos de estágio.

No entanto, parece-me pertinente apresentar de uma forma reduzida as rotinas que presenciei e que considereei mais relevantes na dinâmica do Jardim-Escola, são elas o Acolhimento e o Recreio da manhã

Acolhimento

O acolhimento dos alunos é feito entre as 9h e as 9h 30m e, nesse período, todos os alunos do Jardim-Escola agrupam-se, consoante a cor do bibe, no salão ou no recreio. Nestes espaços é feita uma roda com todos os alunos, estagiárias, educadoras e professoras.

A roda é organizada do seguinte modo: no centro estão as crianças do Bibe Amarelo (3 anos) com as respetivas educadoras, seguidamente as crianças do Bibe Encarnado (4 anos) e por esta organização sucessiva; as crianças do Bibe Azul (5 anos), as do Bibe Castanho (1.º Ano), do Bibe Verde (2.º Ano), do Bibe Azul Claro (3.º Ano) e, em último lugar da roda, os alunos do Bibe Azul Escuro (4.º Ano).

A figura 1 demonstra o organização acima descrita.

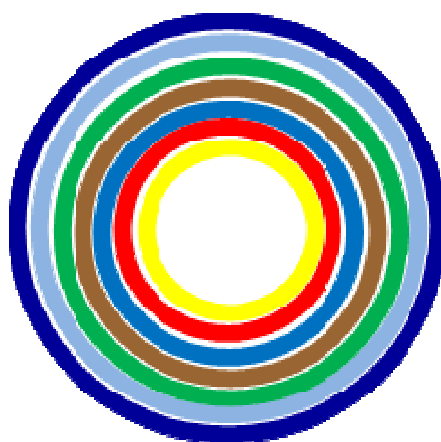


Figura 1 – Organização da roda do Acolhimento

Segundo Zabalza (1998, p. 194), a roda “é um excelente momento para proporcionar à criança oportunidades de realizar experiências-chave de desenvolvimento sócio-emocional, representação, música, movimento, etc”.

O acolhimento é feito todos os dias da mesma forma e, durante os 30 minutos são cantadas algumas músicas terminando sempre com o Hino dos Jardins-Escola João de Deus, apresento no quadro 2 a letra deste hino.

Quadro 2 – Hino dos Jardins-Escola João de Deus

“Somos os filhos de João de Deus,
Somo anjinhos que cantam nos céus
Vamos p’ra aula a brincar
Aprender sem se notar
E a brincar a brincar já sei o
A E I O
O recreio
è sempre no meio
Da lição
Que enche o coração.

Somos crianças cheias de alegria
Nossas mãozinhas já têm magia
Já fiz um carro de barro
Um coração de cartão
E a brincar a brincar
Já sei o A E I O,...
O encanto do
Jardim - Escola
é saltar, rir e Jogar à bola.

Findou o dia vamos regressar
Vestir casacos vamos para o lar
Lá nos espera também
Outro regaço, o da mãe
Para beijar e ouvir
Dizer o A E I O...
Os meninos
Serão sempre teus
P’la vida fora
JOÃO DE DEUS.”

Recreio da manhã

O recreio da manhã é um dos momentos mais importantes na vida diária dos alunos em ambiente escolar. Esta pausa é essencial para a continuação de um bom desempenho e de uma boa aprendizagem.

(...) as brincadeiras de exterior levam a uma maior socialização, uma vez que os alunos se juntam para realizar o mesmo tipo de atividades, a uma representação criativa, a um desenvolvimento da linguagem e literacia, a uma iniciativa e a relações interpessoais, ao movimento, a música, a noção de espaço e de tempo (Hohmann & Weikart, 1997, pp. 432-433).

O recreio é portanto um dos momentos de maior sociabilização entre alunos da mesma turma e até entre alunos de turmas e anos diferentes.

Segundo o Ministério da Educação (2002, p.39):

“Embora as actividades informais não se realizem só no espaço exterior, este é também um local privilegiado de recreio onde as crianças têm possibilidade de explorar e recriar o espaço e os materiais disponíveis. Nesta situação, o educador pode manter-se como observador ou interagir com as crianças, apoiando e enriquecendo as suas iniciativas.”

Desta forma, e conforme a afirmação acima mencionada, os professores/educadores devem estabelecer um contacto com os alunos de forma informal tanto no interior da sala de aula como no recreio de modo a proporcionar uma maior vinculação afetiva com os seus alunos.

1.1. 1.^a Secção – 1.^o Momento

- Período de estágio de 12.10.2010 a 29.12.2010
- 4.^o Ano – Turma B
- Professora Rita Augusto

1.1.1. Caracterização da Turma

Segundo informações gentilmente fornecidas pela professora da sala podemos referir que a turma do 4.º B é constituída por dez raparigas e oito rapazes.

Dois alunos frequentam o apoio educativo, sendo que um deles está ao abrigo do Decreto de Lei 3/2009, com a necessidade educativa especial permanente: dislexia. O outro beneficia de apoio pedagógico individualizado nas áreas em que revela maiores dificuldades de aprendizagem: Língua Portuguesa e Matemática.

A turma apresenta maiores dificuldades na área da Matemática, nomeadamente no algoritmo da divisão, na tabuada e no raciocínio lógico inerente às situações problemáticas; na área da Língua Portuguesa, as maiores dificuldades centram-se na ausência de riqueza de vocabulário e na estruturação de textos escritos.

Na caracterização do comportamento a turma do 4.ºano B, respeitante ao ano letivo 2010/2011 é, uma turma homogénea no que concerne a comportamentos e atitudes.

Alguns elementos da turma têm dificuldade em manter o silêncio durante a realização das atividades e, também, em manter uma postura correta no decorrer da aulas.

A maioria dos elementos da turma revela um grau de calma e de sociabilidade adequados ao grau de ensino em que se encontram.

1.1.2. Caracterização do Espaço

Na figura 2 podemos observar uma das perspectivas desta sala, a mesma te diverso material pedagógico e didático, quadro interativo e boa iluminação natural.

E uma sala acolhedora e o ambiente que nela encontramos é propício à aprendizagem.




Figura 2 - Perpetiva da sala do 4.º Ano B

1.1.3. Horário do 4.ºano B

No quadro 3 está apresentado o horário que diz respeito à turma do 4.º Ano B e, será destacado conforme a legenda, o período e os dias semanais correspondentes à minha presença de estágio nesta turma.

Quadro 3 - Horário do 4.ºAno B

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9.00 – 9.50					
10.00 – 10.50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11.00 – 11.30	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11.30 – 12.10					
12.10 – 13.00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
13.00 – 14.30	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio
14.30 – 15.20	ACDN	Educação Física	Estudo do Meio	Estudo do Meio	ACDN
15.20 – 16.10	Expressão Artística	Estudo do Meio	Expressão Musical		Biblioteca/Informática
16.10 – 17.00	Inglês	Assembleia de Turma ACDN	Orquestra	Clube de Ciência	Estudo do Meio
17.00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
17.15	Saída	Saída	Saída	Saída	Saída

 Aulas observadas durante o período de estágio

1.1.4. Relatos Diários

12 de outubro de 2010

No meu primeiro dia de estágio, a aula iniciou-se com as apresentações dos alunos, professor e estagiárias. A professora cooperante mostrou-se disponível para me ajudar no que, durante o período de estágio, sentisse mais dificuldade.

Terminadas as apresentações, a professora começou por escrever no quadro a “Agenda Diária”. Esta consiste em registar as matérias e duração das mesmas que estão programadas para cada dia.

Depois do recreio da manhã, estiveram a trabalhar com o Cuisenaire o conteúdo: Áreas e perímetros.

Inferências e Fundamentação teórica

A “Agenda diária” está implícita num conjunto de rotinas que são muito importantes no quotidiano das crianças.

A rotina diária visa a organização do tempo que a criança permanece na escola assim, tem como base alguns marcos temporais que quase nunca se alteram, e é importante manter constantes os principais parâmetros da rotina, para que as crianças se sintam seguras e não se desorganizem. “ A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo, existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão (...) ” (Ministério da Educação,1997, p.40)

As atividades de rotina são aquelas que devem ser realizadas diariamente, dando oportunidade à criança para desenvolver hábitos indispensáveis à preservação da sua saúde física e mental, como por exemplo, a organização, a higiene, o repouso, a alimentação correta, o tempo e os espaços adequados, as atitudes ou as atividades do dia.

15 de outubro de 2010

Hoje as crianças estiveram a realizar a Prova Mensal de Estudo do Meio e História de Portugal durante 90 minutos. Enquanto isso, o meu par de estágio e eu, estivemos reunidas com a professora titular para marcar as datas das aulas e respectivos conteúdos.

Depois do intervalo da manhã, os alunos regressaram à sala de aula onde realizaram uma atividade de Língua Portuguesa – “Ditado de palavras [s]”. Quando terminaram, cada aluno foi ao quadro corrigir uma palavra, enquanto os restantes corrigiam, no lugar, o seu próprio trabalho.

Inferências e Fundamentação teórica

A avaliação é um ponto fundamental para o processo ensino/aprendizagem pois, o professor consegue precisar as dificuldades das crianças. Por ser um momento individual de concentração da atenção e testar a aquisição de conhecimentos, faz com que o professor consiga determinar todas as lacunas ou aquisições genuínas de conceitos. Segundo Sabalza (2000, p. 222)

“(…) quando falamos em avaliação, não estamos a falar de um facto ou de um acto singular, mas de um conjunto de passos que se condicionam mutuamente. (...) Além disso a avaliação não é (ou não deveria ser) algo separado do processo ensino/aprendizagem; não é um apêndice independente nesse processo (está nesse processo) e desempenha um papel específico relativamente ao conjunto de componentes que integram o ensino como um todo (porque está no sistema).”

Desta forma, podemos constatar que a avaliação é um momento fundamental na educação e na verificação da assimilação dos conteúdos programáticos sendo por isso uma mais-valia para o professor detetar os conhecimentos consolidados e os conhecimentos a rever com o aluno.

18 de outubro de 2010

A manhã teve início com uma breve conversa entre a professora e alunos sobre o que estes fizeram durante o fim-de-semana. Terminada a conversa, fez-se a leitura das composições baseadas num tema dado pela professora e que os alunos levaram para trabalho de casa.

Posteriormente, os alunos abriram o livro de Língua Portuguesa para prepararem o texto pois iam ser avaliados na sua leitura.

Após o intervalo da manhã, fez-se a interpretação das perguntas do texto e, de seguida, a professora deu início à aula de Matemática, entregando assim a cada aluno uma ficha de revisão para a resolução de situações problemáticas.

Inferências e Fundamentação teórica

As crianças devem ser capazes de dominar a Matemática através dos vários métodos de ensino/aprendizagem adotados pelo professor. Contudo, a resolução de situações da Matemática desenvolve na criança um domínio mais complexo pois para a resolução é necessário conseguirem atingir e compreender as várias etapas que este compreende.

Relativamente às capacidades transversais e segundo o Ministério da Educação (2010):

“Meta Final 1) Compreende o problema: identifica o objectivo e a informação relevante para a resolução de um dado problema; identifica problemas com informação irrelevante, dados insuficientes ou sem solução. Meta Final 2) Concebe estratégias de resolução de problemas: concebe estratégias diversificadas de resolução de problemas, como a) resolve um problema análogo mas mais simples; b)explora casos particulares. Meta Final 3) Aplica estratégias de resolução de problemas e avalia a adequação dos resultados obtidos: põe em prática estratégias de resolução de problemas; utiliza estratégias do mesmo tipo em diferentes problemas e identifica estratégias diferentes na resolução do mesmo problema; verifica a adequação dos resultados obtidos e dos processos utilizados. Meta Final 4) Justifica as estratégias de resolução de problemas: explica e justifica as estratégias adoptadas e os processos utilizados.”

Estas metas são extremamente importantes de serem seguidas pois, o aluno deve ser capaz de, perante uma situação problemática, conseguir resolvê-la e justificar a sua resolução além de, diversificar a forma como essa situação problemática pode ser resolvida.

19 de outubro de 2010

Hoje a manhã iniciou-se com a aula de Matemática. A professora começou por colocar algumas questões de cálculo mental aos alunos. De seguida, pediu a uma criança que distribuísse as caixas do 5.º Dom de Froebel por cada aluno. Quando todas as crianças já tinham a sua caixa, a professora deu início à aula. À medida que iam realizando a construção (o sofá), ia colocando algumas questões matemáticas.

Depois do intervalo da manhã, a professora pediu-nos para realizarmos a próxima construção – o poço. A aula decorreu com normalidade e os alunos foram bastante compreensivos pois sabiam que não tínhamos muita experiência com este material.

Terminada esta aula, os alunos abriram a lição de Língua Portuguesa, escreveram o sumário e, posteriormente fizeram um ditado. No final cada aluno, com o apoio do livro de leitura, corrigiu os erros ortográficos.

Inferências e Fundamentação teórica

Nos Jardins-Escola João de Deus o material Dons de Fröebel é muito utilizado para o desenvolvimento das capacidades matemáticas. Em relação ao pedido da professora, foi fantástico verificarmos a capacidade de manipulação deste material por parte das crianças pois, enquanto a Joana e eu estávamos a construir por etapas e, com pouca destreza, os alunos mostraram muita afinidade com o material, até antes de acabarmos a construção já havia alunos a pedir para arrumar as caixas. Por este motivo,

os materiais manipuláveis da Matemática são uma mais-valia tanto para o docente como para os discentes pois, segundo Caldeira (2009, p.243), O interesse pedagógico deste material tem como objetivo a “Aprendizagem das cores, estruturação espacial, lateralização, desenvolvimento verbal, enriquecimento de vocabulário, jogos de memória, seriação, conjunto e contagem.” Para além do interesse pedagógico e, segundo a mesma autora, os Dons de Fröebel desenvolvem, nas crianças, diversas capacidades e destrezas como “ distinguir cores, diferenciar formas, desenvolver os sentidos do tacto, visão, audição, lateralidade, equilíbrio, sequenciar, relacionar, desenvolver a memória, orientação espacial e desenvolver a criatividade.”

Ainda de acordo com a autora atrás referida (p.241), “Os “Dons” são fantásticos veículos para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias. É durante a interacção criança/criança (...), que surge a verdadeira magia do aprender crescendo (...).”

Este material é sem dúvida um excelente meio para desenvolver imensas capacidades e destrezas como por exemplo equilíbrio, coordenação, linguagem, raciocínio lógico, entre outras.

22 de outubro de 2010

A manhã de aulas teve início com a entrega dos testes de Língua Portuguesa. Os alunos, corrigiram as perguntas que tinham errado no teste e, estiveram até ao recreio da manhã a trabalhar a correção.

Após o recreio, a professora entregou a cada um o material Geoplano. Assim, foram trabalhados vários conteúdos matemáticos como a área do quadrado, perímetros e simetrias.

Inferências e Fundamentação teórica

Devido ao facto de ter sido a primeira vez que vi o material manipulativo Geoplano fiquei bastante entusiasmada com as atividades que podemos desenvolver

com o mesmo. Além do excelente domínio que a professora tem com este material fez questão de mostrar os conteúdos que se poderiam trabalhar com o mesmo. Caldeira (2009, p.409) caracteriza este material como, “(...) um recurso manipulativo, para observação e análise de figuras geométricas.” Segundo a mesma autora, “Na utilização do Geoplano é importante que o professor desenvolva aulas com lógica e sequência tendo em consideração os programas, a idade dos alunos e o seu ritmo de trabalho.”

O interesse demonstrado por parte dos alunos na abordagem dos conteúdos programáticos através deste material foi reflexo de um entusiasmo e interesse espantoso, cada vez que vejo esta área ser dada com materiais a aderência e compreensão é notória em relação a outras estratégias.

25 de outubro de 2010

Hoje a manhã de aulas iniciou-se com uma conversa com os alunos sobre o que fizeram no fim-de-semana. Posteriormente, a professora entregou e corrigiu oralmente os trabalhos de casa sobre os sinais de pontuação.

Após esta, realizou o ditado do texto que tinha mandado para trabalho de casa.

Após o recreio, a professora fez a correção oral da Prova Mensal de Estudo do Meio e História de Portugal assim como a correção escrita da pergunta de desenvolvimento.

Nesta manhã, ainda iniciaram uma ficha de Matemática sobre gráficos de barras - construção, análise e interpretação.

Inferências e Fundamentação teórica

O Programa de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo do Ensino Básico distribui-se, ao longo dos quatro anos de escolaridade, por dois blocos: o da Comunicação Oral e o da Comunicação Escrita. Solicitar aos alunos que falem sobre o seu quotidiano, responde ao defendido no âmbito da Comunicação Oral: “Expressar-se por iniciativa própria: em

momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos, debates) ”
(Ministério da Educação, 2004, p.142)

Ao presenciar o interesse e participação dos alunos ao contarem o que fizeram no fim-de-semana empreendo que esta prática é bastante importante para uma maior proximidade professor/aluno e até entre alunos. Com esta vertente lúdica a professora ia também desenvolvendo o raciocínio lógico através do diálogo e corrigindo a construção frásica dos alunos assim como palavras e até enriquecendo o vocabulário substituindo por palavras sinónimas.

26 de outubro de 2010

A manhã de aulas teve início com aferição da tabuada. Posteriormente, os alunos acabaram os trabalhos que tinham em atraso.

A aula de Língua Portuguesa contou com o conteúdo: Família de palavras (prefixos e sufixos), resolvendo posteriormente uma pequena ficha formativa.

Depois do recreio da manhã o meu par de estágio deu uma aula de Matemática sobre resolução de situações problemáticas.

Inferências e Fundamentação teórica

A aferição da tabuada é importante pois, é uma base fundamental para o desenvolvimento dos cálculos matemáticos.

Os alunos devem estar dotados da capacidade de memorização deste conteúdo e, para isso, é necessária a avaliação por chamada e a repetição do mesmo. Assim, é necessário, segundo Sanches (2001, p.54) “(...) repetir para memorizar porque sem memorizar não se consegue relacionar, actividade fundamental no desenvolvimento das aprendizagens.”

Esta prática é feita semanalmente pela docente e, desta forma, vai aferindo e registando a evolução dos alunos.

29 de outubro de 2010

A manhã de aulas teve início com a revisão dos múltiplos e submúltiplos das medidas de capacidade e de volume.

De seguida, e como estamos em vésperas do Halloween, entregou a cada aluno um pequeno texto informativo sobre o mesmo e pediu a vários alunos que o lessem. Deu-se início então ao ditado dos quatro primeiros parágrafos do mesmo texto.

A aula de Matemática começou com a utilização do material Cuisenaire, para introduzir o conteúdo programático - frações.

Inferências e Fundamentação teórica

Mais uma vez, verifiquei que a utilização de materiais manipulativos em sala de aula permite uma aprendizagem mais eficaz por parte dos alunos pois, desta forma, têm oportunidade de explorar o material antes e durante a sua utilização, além do carácter lúdico que o material manipulativo tem a aprendizagem torna-se mais simples.

Para Caldeira, (2009 a)

“O mais importante no ensino-aprendizagem da matemática é a actividade mental a desenvolver nos e pelos alunos. A utilização dos materiais, através de modelos concretos, permite à criança construir, modificar, integrar, interagir com o mundo físico e com os seus pares, a aprender fazendo, desmistificando a conotação negativa que se atribui à matemática. Manipular materiais não significa que a matemática aconteça por osmose; é importante que as actividades sejam significativas para gerarem conhecimento. Contudo, só as mentes das pessoas reflectindo sobre as acções poderão gerar conhecimento.”

No entanto, manipular os objetos só por si não é o suficiente, o professor deve ensinar o conteúdo com base num coeso fio de conduta para transmitir os seus conhecimentos abstratos e passá-los para o concreto.

2 de novembro de 2010

A aula teve início com a correção dos trabalhos de casa de Língua Portuguesa sobre os sinais de pontuação. Cada aluno corrigia o seu trabalho e, à medida que a professora ia lendo em voz alta, iam-no corrigindo.

De seguida, a professora escreveu uma frase no quadro, e pediu-lhes que identificassem os seus constituintes. Ainda antes do recreio da manhã, a professora organizou um ditado de palavras.

Após o recreio da manhã, os alunos regressaram à sala de aula onde iniciaram a correção dos trabalhos de casa de Matemática (Números decimais) que consistia em diversificarem a forma de resolução.

Inferências e Fundamentação teórica

É importante que o docente incentive os seus alunos a resolverem os exercícios matemáticos de diversas maneiras a fim de desenvolver no aluno estratégias diversificadas para a captura dos conceitos e sua resolução.

Segundo Ponte e Serrazina (2000, p.135):

“(…) a compreensão global dos números e das operações bem como a sua utilização de maneira flexível para fazer julgamentos matemáticos, desenvolve estratégias úteis de manipulação dos números e operações. O reconhecimento e a utilização de diferentes formas de representação das operações são um facilitador de apreensão de conceitos.”

É de salientar que a professora titular desenvolve este tipo de estratégias diversas vezes e, a tremenda facilidade que estes alunos têm em diversificar estratégias de resolução de operações e situações problemáticas, é o reflexo do excelente trabalho da mesma.

5 de novembro de 2010

A manhã de aulas teve início com a leitura de dois capítulos do livro “As bruxas”. A professora sentou os alunos no chão em “meia-lua” e deu início à leitura, enquanto os alunos a ouviam e iam seguindo a história pelos seus livros.

Após a leitura dos dois capítulos, a professora pediu a duas crianças que fizessem o resumo oral dos dois capítulos lidos.

De regresso à sala de aula, a professora entregou, uma ficha de Matemática sobre simetrias dividida em duas partes, uma parte informativa e uma parte formativa. Os alunos resolveram então a parte de resolução dos exercícios.

Inferências e Fundamentação teórica

É necessário referir a importância do exercício da leitura no dia-a-dia das crianças. Segundo Gomes (2000, p. 35). “a introdução da leitura de textos literários deveria ser uma leitura lúdica, que não passasse pelo excerto, mas pelo recurso ao livro: “O livro tem de se tornar familiar, a criança necessita de um convívio constante com o livro”

O livro tem de se tornar um objeto de lidação diária para os alunos, cabe ao professor transmitir o gosto pela leitura e pelos livros para, com isto, formar leitores, indivíduos com o gosto pela leitura. Assim, o texto deve de estar presente na sala de aula como fonte de prazer.

8 de novembro de 2010

Hoje o meu par de estágio deu a sua primeira manhã de aulas.

Iniciou a manha questionando-os acerca do que tinham feito no fim-de-semana. Para iniciar a aula de Língua Portuguesa, aproveitou o facto de um dos meninos ter ido a uma festa de anos para lançar o tema do conteúdo.

Entregou então uma receita de mousse de chocolate a cada aluno e, depois de terem lido e interpretado o texto, pediu-lhes que sublinhassem todos os verbos que remetiam para um pedido ou uma ordem. Posteriormente deu características do modo imperativo.

A aula de Matemática contava com o conteúdo programático - A área do triângulo. Descoberta a relação, entre as figuras triangulares colocadas no quadro introduziu a fórmula para calcular a área de um triângulo e, após isso, resolveu com os alunos uma proposta de trabalho.

Na área de Estudo do Meio, o tema abordado foi a pele. O material escolhido foi um placard que continha uma imagem das várias camadas que a constituem. Depois de explicar a função de cada uma delas, realizou uma atividade que consistia em identificar objetos através do tacto.

Inferências

O facto da Joana ter iniciado a manhã de aulas com uma conversa com os alunos sobre o fim-de-semana, fez com que a relação entre eles se tornasse mais próxima. Desta forma, e sem dar por isso, os alunos já estavam a desenvolver o vocabulário e a compreensão oral.

A aula no seu todo decorreu bem, embora depois da reunião com a professora houvesse alguns pontos a melhorar como a colocação da voz e a diversificação de estratégias mas, a Joana nunca deu qualquer tipo de erro científico e, a meu ver, é o mais importante para um estagiário.

Assistir a esta aula fez-me ter a perceção que os pontos que o meu par de estágio tem a melhorar provavelmente serão semelhantes aos meus numa próxima aula portanto, terei atenção aos pontos referidos pela professora.

9 de novembro de 2010

Hoje a manhã de aulas foi dada por mim.

Comecei por perguntar aos alunos se tinham alguma novidade que quisessem partilhar com os elementos presentes.

A primeira aula que lecionei foi na área da Matemática onde, através de material manipulativo feito por mim, dei o conceito de áreas equivalentes e realizei alguns exercícios de consolidação.

Na aula de Língua Portuguesa, recorrendo ao Powerpoint, o conteúdo abordado foi a pronominalização.

Depois do recreio da manhã, terminei a aula de Língua Portuguesa, realizando com os alunos uma proposta de trabalho. Posteriormente, iniciei a aula de Estudo do Meio, onde abordei os estados físicos da água utilizando um suporte digital.

Para consolidação da matéria os alunos realizaram um trabalho de grupo sobre o conteúdo abordado.

Além das propostas de trabalho individual e em grupo, entreguei a todos os alunos fichas informativas para que pudessem posteriormente estudar a matéria para a avaliação mensal.

Inferências e Fundamentação teórica

A manhã de aulas decorreu relativamente bem embora não tivesse feito uma boa gestão do tempo proposto para cada atividade. Uma manhã de aulas a lecionar três áreas do conhecimento diferentes é, a meu ver, pouco viável pois são temas completamente distintos e, quando há a mudança de tema, há também uma grande quebra no ritmo da aula.

Recorri à utilização das novas tecnologias pois, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), podem ser tecnologias educativas como nos refere Silveira-Botelho (2009, p.104): “quando eficazmente utilizadas, podem auxiliar a aprendizagem positivamente.” E foi notório que o recurso às TIC tornou a aula mais apelativa como consideraram os alunos.

Apelei ao trabalho em grupo pois, os resultados desta prática podem compendiar-se segundo Freitas e Freitas (2003, p.21) na:

”melhoria das aprendizagens na escola; melhoria das relações interpessoais; melhoria da auto-estima; melhoria das competências no pensamento crítico; maior capacidade em aceitar as perspectivas dos outros; maior motivação intrínseca; maior número de atitudes positivas para com as disciplinas estudadas, a escola, os professores e os colegas; menos problemas disciplinares, dado existirem mais tentativas de resolução dos problemas de conflitos pessoais; aquisição das competências necessárias para trabalhar com os outros; menor tendência para faltar à escola.”

Assim, cada grupo tinha um porta-voz, um responsável pelos recortes, um responsável pela pintura e um responsável pela colagem. Esta estratégia foi pensada para que cada aluno tivesse um papel no grupo e para que cada um fosse responsável pela sua área apelando ao empenho e participação de todos.

12 de novembro de 2010

Hoje a aula teve início com a leitura, feita pela professora da sala, de um capítulo do livro “As Bruxas” de Roald Dahl.

Mais tarde o meu par de estágio teve uma aula surpresa assistida por uma professora da equipa de supervisão que lhe pediu o conteúdo: tipos de sujeito.

A Joana fez um a leitura modelo de um texto do manual e, de seguida, pediu a mais duas crianças que o lessem também. Visto que era uma matéria que os alunos já conheciam, pediu-lhes que fossem eles a dar uma definição para cada tipo de sujeito.

De seguida, formaram seis grupos de três elementos e, depois de nomear os chefes de grupo, entregou a cada um dos seis grupos uma folha de papel. Cada grupo estava responsável por escrever uma frase com um dos tipos de sujeito.

Inferências e Fundamentação teórica

Ao iniciar a manhã de aulas com a leitura do livro, a professora proporcionou um momento de descontração bastante importante no que diz respeito às capacidades a desenvolver no aluno pois ler histórias remete também para o lúdico e para o enriquecimento pessoal, não só para a leitura como dever do professor.

Segundo Gomes (2000, p. 35): ” (...) a ‘hora do conto’ ocupa um lugar importante, pelo que julgamos fundamental elegê-la como uma das actividades capazes de, pela sua prática continuada, proporcionar o desenvolvimento do prazer de ler, resultante, numa primeira etapa, da simples satisfação do gosto pelas histórias.”

Por este motivo, é importante que o professor estimule no aluno o gosto pela leitura recorrendo a estas práticas.

No que diz respeito à aula surpresa e, na minha opinião, constatei que a Joana saiu-se muito bem nesta nova experiência mostrando conhecer estratégias que a levassem a dar uma boa aula e revelou conhecer o tema que lecionou.

16 de novembro de 2010

A aula teve início com a correção do trabalho de casa sobre os sinais de pontuação. De seguida, a professora iniciou a aula da Matemática onde recorreu ao material Tangran para realizar várias construções. A exploração deste material decorreu no período que se seguiu e durou até à hora de almoço.

Inferências e Fundamentação teórica

A utilização adequada dos sinais de pontuação permite ao aluno, segundo Condemarín e Chadwick (1987, p. 176): “a adequada comunicação escrita mediante a transição dos aspetos prosódicos e expressivos da linguagem oral e das pausas por símbolos gráficos. Além de permitir estruturar as ideias em unidades interdependentes”.

É importante que se realizem este tipo de trabalhos uma vez que não existir uma só forma de completá-los. Só conhecendo todas as regras de pontuação, o aluno consegue interiorizar os conceitos e aplica-los nas diferentes situações.

19 de novembro de 2010

Hoje os alunos passaram a manhã inteira a ensaiar para a festa de Natal.

Foi dado a conhecer o tema da festa - Os Descobrimientos - e foram distribuídos os papéis que cada um irá desempenhar.

Inferências e Fundamentação teórica

As festas desempenham um papel muito importante nas escolas, porque permitem às crianças a união entre elas para um só objetivo e também possibilitam que haja um envolvimento dos pais na educação dos filhos, muitas vezes fazendo com que estes tenham um melhor aproveitamento:

Marques, et al. (1993, p. 33) afirmam que: “A melhor maneira de criar continuidade entre as escolas e os valores e culturas das famílias é abrir as escolas aos pais, criar espaço para eles se reunirem, proporcionar comunicação frequente, tratá-los como verdadeiros membros da comunidade educativa)”.

Foi notória a euforia e o entusiasmo dos alunos quando receberam o papel que iriam desempenhar na festa de natal e, por essa razão, instalou-se um clima mais agitado dentro da sala de aula que rapidamente foi controlado pela professora da sala.

22 de novembro de 2010

A manhã de aulas iniciou-se com a avaliação de tabuada.

Posteriormente, e até à hora do almoço, os alunos estiveram a ensaiar para a festa de Natal.

Inferências e Fundamentação teórica

A avaliação deve ser vista como um método que prepara e acompanha o processo de ensino-aprendizagem e que possibilita ao aluno o seu aperfeiçoamento, com vista a encaminhar o aluno rumo ao sucesso escolar.

Segundo Cortesão (1993, p. 44): "A avaliação compreende a "recolha e feedback de informação apropriada para uma sistemática e contínua revisão do decurso do processo, tendo em vista a melhoria."

Desta forma, e tendo em consideração que este tipo de avaliação é regular nesta turma, podemos considerar que a estratégia de ensino da professora vai ao encontro do que, defende o autor atrás referido.

23 de novembro de 2010

Hoje, e como o programa exige, foi o dia da minha aula programada assistida pela professora da sala Rita Augusto e a professora da equipa de supervisão da Prática Pedagógica, Teresa Botelho.

Preparei a sala de modo a seguir um fio condutor que me levasse a leccionar as três áreas do conhecimento (Língua Portuguesa, História e Matemática) no tempo máximo de 60 minutos.

Depois de me vestir de mensageiro do rei comecei por entregar às crianças um excerto de uma notícia da época dos descobrimentos. A partir daí abordei todos os conceitos referentes ao conteúdo de Língua Portuguesa – a notícia. A notícia possuía o

conteúdo de História de Portugal- Os descobrimentos portugueses, mais concretamente de como era a vida dos homens que estavam embarcados.

Por fim, e para iniciar o tema da aula de Matemática – expressões numéricas, pedi a três alunas que se dirigissem ao quadro e lessem, para os restantes alunos, um enigma que teriam de decifrar para descobrirem o resultado de uma equação. Todos os alunos participarem nesta atividade.

Terminada a aula e, juntamente com as outras colgas de estágio, tive o parecer da orientadora e da professora titular da turma numa reunião onde foram referidos os pontos fortes e a melhorar da minha aula.

Inferências e Fundamentação teórica

O parecer da equipa da supervisão pedagógica tem um papel fundamental na nossa progressão enquanto futuros professores.

Segundo Alarcão e Tavares (2003, 149):

“Compete aos supervisores, se quiserem ser líderes de comunidades aprendentes, fazer a leitura dos percursos de vida institucionais, provocar a discussão, o confronto e a negociação de ideias, fomentar e rentabilizar a reflexão e a aprendizagem colaborativas, ajudar a organizar o pensamento e a acção do colectivo das pessoas individuais”. Deste modo, a orientação dos professores é sem dúvida uma mais-valia para nós, futuros professores.

A minha aula foi considerada bastante interessante e o meu desempenho de muito bom. Contudo, é de salientar o excelente e irrepreensível comportamento e participação dos alunos nesta aula.

Os pontos fortes da minha aula foram: boa gestão de tempo, boa colocação da voz, a criatividade, interdisciplinaridade, boa interação com o grupo, domínio dos conceitos abordados e a capacidade de desenvolver estratégias que apelaram ao interesse dos alunos.

O ponto fraco da minha aula foi a falta de imagens apelativas na área de História de Portugal, aspeto que irei melhorar numa próxima aula.

26 de novembro de 2010

A manhã de aulas começou com a realização da Prova Mensal de Língua Portuguesa.

Depois do recreio da manhã, as duas turmas do 4.º ano juntaram-se para ensaiar as canções que irão apresentar na Festa de Natal.

Inferências e Fundamentação teórica

Uma vez por mês e, durante 90 minutos, todos os alunos do 1.º Ciclo do Jardim-Escola, elaboram um teste de avaliação a fim de se aferir os conhecimentos adquiridos durante o mês.

Para Cortesão (1993, p. 44): “ a avaliação sumativa envolve conclusões sobre o mérito e o valor de um processo já completo ou estabilizado, sendo utilizada para seleccionar e responsabilizar.” É notório portanto que, a avaliação sumativa é um dos pontos fundamentais no que diz respeito ao ensino-aprendizagem e, um meio de o docente aferir tanto os conhecimentos dos alunos, como para registar a progressão do aluno e, diagnosticar a tempo se o aluno necessita de um acompanhamento ou de um reforço no conteúdo que apresentou mais dificuldades.

29 de novembro de 2010

Hoje foi a minha segunda manhã de aulas no 4.º ano B. A aula teve início com a abordagem dos conteúdos sobre medidas agrárias.

Comecei por fazer a revisão das medidas sobre área e, com palavras móveis, coloquei-as no quadro, assim como a sua correspondência para as unidades de medidas agrárias.

De seguida, entreguei a cada aluno uma ficha formativa, onde aplicaram o que tencionei que fosse adquirido.

Na aula de Língua Portuguesa, utilizei um Powerpoint para apresentar os pronomes definidos e indefinidos.

Por fim realizei um jogo de consolidação da matéria que consistia nos alunos retirarem um pronome de um saco de pano e escreverem-no no quadro que lhes foi entregue com duas colunas, uma para os pronomes definidos e outra para os pronomes indefinidos.

Por fim, e também através de suporte digital, abordei em Estudo do Meio o conteúdo - Rios de Portugal. O suporte digital continha os rios de Portugal continental e as características dos mesmos.

Inferências e Fundamentação teórica

No geral a aula decorreu bem. Contudo, a professora fez referência à má gestão de tempo.

As TIC têm um papel fundamental nas minhas aulas. O professor, tem de ter em conta que as aulas podem ser dadas sem este recurso mas, é notório que os alunos ficam mais interessados e concentrados quando este é utilizado.

Para Silveira-Botelho (2009, p.126): “A introdução das TIC tem como finalidade educativa contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos.” Por este motivo, para mim o recurso a este material deve estar presente no dia-a-dia dos alunos.

1.2. 2.^a Secção - 2.^o Momento

- Período de estágio de 30.11.2010 a 11.02.2011
- 1.^o Ano – Turma B
- Professora Paula Toscano

1.2.1. Caracterização da turma

A turma do 1.^o ano B é constituída por vinte e oito alunos; quinze elementos do sexo feminino e treze elementos do sexo masculino.

Após informações dadas pela professora da sala, podemos referir que em termos culturais é uma turma interessada no ambiente que a rodeia e apoiada pelos familiares que se interessam pelo desempenho escolar dos seus filhos.

Decorrentes da análise da turma, ao nível das competências essenciais de Língua Portuguesa, as principais dificuldades centram-se na leitura e na escrita de pequenas frases e textos, bem como a sua interpretação. No entanto, existem oito alunos que o conseguem fazer corretamente e sem ajuda. Existem cinco alunos que leem de forma silábica, sendo que no total treze alunos já leem e catorze estão a rever as lições da Cartilha Maternal e um está a iniciar o processo de aprendizagem da leitura e escrita.

A maioria da turma não aplica os sinais de pontuação no final da frase, bem como o uso de maiúscula no início da frase e também não utilizam corretamente os sinais gráficos de acentuação. No entanto a maioria dos alunos consegue relacionar a letra de imprensa com a manuscrita.

Relativamente à área curricular de Matemática, a turma revela dificuldades nas operações (adição e subtração), bem como no cálculo mental.

De um modo geral, identificam as ordens dos algarismos até às centenas de unidades; as cores e ordens do material Calculadores Multibásicos. No material Cuisenaire conseguem corresponder a cor das peças ao seu valor, mas nem sempre conseguem fazer composição e decomposição de números.

Após uma análise global da prestação dos alunos em sala de aula, a turma é bastante interessada e motivada para a aprendizagem. A maioria dos alunos consegue manter a concentração da atenção, havendo apenas uma criança mais irrequieta, mas com um comportamento aceitável.

Existem cinco crianças que merecem uma atenção especial, uma vez que não são autónomas na realização dos trabalhos e uma destas está a ter apoio pedagógico acrescido, uma vez que só este ano letivo iniciou o processo de aprendizagem ao nível da Matemática.

Este ano letivo entraram duas crianças para a turma, uma delas não sabe ler, nem escrever e tem noções matemáticas muito elementares, apresentando muita dificuldade a nível do cálculo mental.

1.2.2. Caracterização do espaço

A sala do 1.º Ano B, figura 3, está situada no rés-do-chão, perto do salão e da cantina. As mesas e cadeiras dos alunos são feitas de madeira, assim como o armário da sala, a mesa e a cadeira da professora.

É uma sala com bastante luz e as janelas dão para a entrada do Jardim-Escola. Nas paredes estão colocados os trabalhos das alunos, um quadro de giz e dois quadros magnéticos




Figura 3 – Perspetiva da sala do 1.º ano B

1.2.3. Horário do 1.º Ano B

No quadro 4 será apresentado o horário de turma do 1.º Ano B e, será destacado conforme a legenda, o período e os dias semanais correspondentes à minha presença de estágio nesta turma.

Quadro 4 – Horário do 1.º Ano B

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9.00 – 9.50					
10.00 – 10.50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11.00 – 11.30	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11.30 – 12.00					Matemática
12.00 – 13.50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Educação Musical
13.50 – 14.30	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio
14.30 – 15.20	Hora do Conto	ACND	Estudo do Meio	Inglês	Educação Física
15.20 – 16.10			ACND		Estudo do Meio
16.10 – 17.00	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Biblioteca/Informática	Expressão Artística	Assembleia de Turma
					ACND
17.00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
17.15	Saída	Saída	Saída	Saída	Saída

 Aulas observadas durante o período de estágio

1.2.4. Relatos diários

Os oito dias de estágio profissional compreendidos entre os dias 30 de novembro e 17 de dezembro deste ano, foram dedicados à festa de Natal. Deste modo, e por este relatório se destinar aos relatos, inferências e fundamentações teóricas das aulas observadas, não achei coerente relatar por dias por ter a noção que não devo relatar as atividades dos momentos pedagógicos a que não assisti.

É do meu conhecimento que os alunos estiveram sempre a realizar trabalhos, a professora titular a lecionar os conteúdos programáticos e, a atividade da turma foi sempre intensa. Contudo, dispus-me (com todo o agrado e de espontânea vontade) a

ajudar na elaboração da festa de Natal e, pelo facto de estar constantemente a entrar e sair da sala de aula, concentrada nas decorações e a requisitar o material necessário para a festa e colaborar nos ensaios dos alunos, não seria de modo nenhum lógico que fizesse um relato de uma manhã na sala de aula.

Contudo, a festa de Natal é um momento muito marcante tanto para os alunos, como para os professores, família etc. e é fundamental que refira neste relatório essa importância.

Mesmo antes de ter lido alguns livros de autores que defendem a participação dos pais/família nos eventos festivos da escola, já tinha noção que para uma criança seja muito importante que os pais estejam presentes no ambiente escolar pois, já presenciei alguns momentos em que esse facto aconteceu e, a meu ver, as crianças estavam confortáveis com a situação. Esta prática permite uma maior interação escola/família com a criação de vínculos coesos.

A melhor maneira de criar continuidade entre as escolas e os valores e culturas das famílias é abrir as escolas aos pais, criar espaços para eles se reunirem, proporcionar comunicação frequente, tratá-los como verdadeiros membros da comunidade educativa (Marques, Davies & Silva, 1993, p. 33)

Ainda para estes autores, a participação da família nas atividades escolares, seja ela no estudo ou nas festas, mostra que existem enormes vantagens tanto para os alunos como para os pais: “Um dos objectivos mais importantes das relações escola/ famílias/ comunidades é aumentar o número de famílias que se envolvem na educação dos filhos. Este envolvimento pode incluir a comunicação pais/ filhos, pais/ professores” (p. 107).

É importante referir que, segundo Reis (2008, p. 62) “(...) a escola faz parte do quotidiano familiar de cada criança. Cada família vive a escola com diferentes graus de interesse, envolvimento e expectativas”. Isto traduz-nos que nem todas as famílias interagem com o ambiente educativo da mesma forma mas, cabe à escola e ao professor incentivar esse envolvimento.

3 de janeiro de 2011

No primeiro dia de aulas do novo ano (2011) a professora começou a manhã perguntado aos alunos o que tinha feito nas férias, como tinha sido o Natal, o que tinham recebido de presentes e como tinha sido a entrada no novo ano.

Posteriormente a professora esteve a relembrar à turma, os quatro valores da letra “X”, da Cartilha Maternal João de Deus. Gradualmente, foi chamando os alunos à Cartilha para verificar se estes sabiam identificar os quatros valores da letra e lê-los, corretamente, de acordo com as regras.

Na área da Matemática o conteúdo lecionado foi a introdução à divisão através do material Calculadores Multibásicos.

Inferências e Fundamentação teórica

A Cartilha Maternal é um método de ensino de leitura, criado por João de Deus. Como é evidente, é o método utilizado em todos os Jardins-Escola para a aprendizagem das letras, dos seus valores fonéticos e da leitura.

Segundo Ruivo (2009, p.100), o Método João de Deus: “constrói na criança as estruturas mentais e os pré-requisitos essenciais ao desenvolvimento da competência da leitura, fazendo um estímulo diário e uma constante consolidação dos conhecimentos adquiridos anteriormente pela criança, através de lições, concebidas pelo seu autor com uma estrutura muito definida e organizada que permite estas aprendizagens”.

Desta forma, todos os alunos do 1.º ano são chamados diariamente à Cartilha para reverem as letras, os valores e a leitura uma vez que a aprendizagem inicial é feita na pré-escola, na sala dos 5anos - bibe azul. Contudo, a turma conta com um aluno que não frequentou o Jardim-Escola João de Deus e, por esse motivo, não está a ser realizada uma revisão para esse aluno mas sim uma aprendizagem desde o início.

4 de janeiro de 2011

Hoje as crianças estiveram, durante toda a manhã, a realizar uma cópia. Antes de iniciarem o trabalho, a professora pediu que abrissem os livros de leitura numa determinada página e, em voz alta, leu o primeiro parágrafo do texto. Depois, pediu a alguns alunos que o lessem. À medida que iam terminando a cópia, dedicavam-se à conclusão dos trabalhos que tinham em atraso.

Inferências e Fundamentação teórica

Uma vez que os alunos ainda não estão totalmente familiarizadas com a leitura dos textos do manual, é essencial que o professor auxilie a leitura fazendo-o em voz alta. Esta prática deve ser observada e praticada por nós, futuros professores, pois a leitura deve ser expressiva, com um bom tom de voz e com inflexões.

A leitura em voz alta deve sensibilizar e desenvolver a imaginação e a comunicação dos alunos. Segundo Veloso (2001, p. 22), é importante: “desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo.”

Proporcionar momentos dedicados à leitura em voz alta por parte do professor pode ajudar a desenvolver nos alunos o gosto pela literatura.

7 de janeiro de 2011

Hoje tive uma aula surpresa assistida de Língua Portuguesa. Foi-me pedido, por parte da professora orientadora, que fizesse a leitura modelo do primeiro parágrafo de um texto do manual.

Após a minha leitura, pedi a três alunos que lessem o mesmo parágrafo e, posteriormente, escrevi, no quadro, uma frase com erros ortográficos para que as

crianças os identificassem e corrigissem. No final fiz a revisão da letra [m] na Cartilha Maternal.

Quando a aula terminou, dirigi-me à sala para reunir com os colegas de estágio e as professoras orientadoras e cooperantes a fim de analisarmos e refletirmos sobre as aulas dadas nesta manhã.

Inferências e Fundamentação teórica

Por ser a minha primeira aula surpresa senti-me um pouco nervosa para a concretização da mesma. Embora tenha sentido que estava à vontade com o conteúdo solicitado pela professora, senti que a planificação é um bem essencial para a boa docência.

O professor deve estar dotado da capacidade de improvisar uma aula e deve ter consolidados todos os conteúdos das áreas curriculares que desenvolve.

Contudo e, por ser novidade, a insegurança perante esta situação inesperada foi notória. Deste modo, reconheço que a planificação é fundamental para a organização de uma aula e, provavelmente, para o sucesso da mesma pois, também sei que pode não correr bem.

Segundo as Orientações Curriculares, planificar “é condição para que a educação escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas que contribuem para uma maior igualdade de oportunidades.” (Ministério da Educação, 1997, p. 26).

10 de janeiro de 2011

Hoje o meu par de estágio deu a sua primeira manhã de aulas no 1.º ano. Iniciou a área da Matemática abordando a noção de dobro.

Depois de ter entregado a cada criança um saquinho com material manipulável e uma caixa com algarismos móveis ia ditando situações problemáticas a fim dos alunos calcularem o dobro.

Posteriormente, iniciou a aula na área de Língua Portuguesa onde abordou os nomes próprios e os nomes comuns. Para isso, utilizou uma tabela constituída por duas colunas e palavras móveis (nomes próprios e comuns), em que cada aluno iria retirar uma palavra e colocá-la na coluna correta.

Na área de Estudo do Meio abordou o habitat das plantas. Depois de ter formado grupos de quatro elementos, realizou a experiência da germinação do feijão com os alunos.

11 de janeiro de 2011

Antes da chegada da professora de apoio (que ficou encarregue de substituir a professora titular da turma durante a manhã), a Joana leu um texto, à turma e pediu a alguns alunos que lessem em voz alta um excerto do texto.

Quando a professora de apoio chegou, os alunos realizaram uma cópia do texto que leram, tarefa esta que durou até à hora do almoço.

14 de janeiro de 2011

A manhã de aulas foi dada por mim e, o tema central da aula na área da Matemática, foi a tabuada do dois. Desta forma, recorri a material manipulável não estruturado – palhinhas - para formar os conjuntos. Utilizei também uma pandeireta para que os alunos, ao ouvirem as batidas do instrumento, retirassem o número de palhinhas correspondente ao número de batidas. Posteriormente, apelei ao cálculo mental, ditando várias situações problemáticas.

Na aula de Língua Portuguesa, o tema foi os nomes coletivos. Depois de ter explicado o que são os nomes coletivos e, de ter exemplificado, coloquei no quadro várias imagens e várias etiquetas com o nome dos conjuntos representados na imagem. O objetivo era associar, legendando, as imagens com o nome correspondente.

Em Estudo do Meio o conteúdo abordado foi as plantas espontâneas e as plantas cultivadas. Com recurso a um Powerpoint apresentei aos alunos a definição de plantas espontâneas e plantas cultivadas e pedi exemplos de plantas que eles vissem no dia-a-dia. Posteriormente vesti-me de agricultor e fui com os alunos até ao recreio a fim de mostrar alguns exemplos concretos. Fiz ainda uma experiência que consistia em plantar relva.

Inferências e Fundamentação teórica

O ponto forte da minha aula e, o que despertou a atenção dos alunos, consistiu na minha estratégia de me vestir de agricultor. A partir desse momento os alunos vibraram com a aula e participaram imenso com exemplos do dia-a-dia. Todos queriam falar e, para mim, o interesse deles foi bastante gratificante.

A experiência que fiz tinha como objetivo principal que os alunos compreendessem, observando, que a germinação de uma semente dá origem a uma nova planta. Segundo Martins et al (2007, p. 13):

“A observação da germinação de sementes e seu desenvolvimento torna-se, assim, indispensável, nestas idades, quer por permitir (re) organizar as suas ideias, no sentido de as ir tornando mais próximas de ideias científicas (noções de ser vivo, planta, germinação, crescimento, ciclo de vida, necessidade de água, luz, ...), quer por ajudar a estruturar a noção de tempo (observação de um fenómeno contínuo, que se desenvolve ao longo de vários dias, e que pode traduzir-se em modos de representação diversos, como desenhos, tabelas, ...)”.

Este tipo de estratégias, a passagem do abstrato para o concreto através de experiências, além de proporcionar aos alunos uma descoberta torna, sem dúvida, a matéria mais apelativa e provavelmente ficará melhor consolidada.

17 de janeiro de 2011

Hoje a aula teve início com uma breve conversa da professora com os alunos sobre o que estes fizeram durante o fim-de-semana. De seguida, terminaram de realizar a ficha de Língua Portuguesa sobre os nomes coletivos que tinham iniciado na aula passada.

No segundo tempo da manhã, os alunos iniciaram uma composição coletiva, orientada por mim.

Inferências e Fundamentação teórica

A composição coletiva é um exercício que promove alguns valores como a socialização, o partilhar ideias, o respeito, a cooperação, e devem ser trabalhados em sala de aula.

Segundo Condemarín e Chadwick (1987, p. 214), os comentários cruzados realizados em grupos “são essenciais para motivar os alunos a redigir; servem para mostrar-lhes as necessidades dos leitores ou ouvintes, e para ajudá-los a tomar decisões a fim de melhorar a composição”.

Além de ter existido uma grande colaboração por parte dos alunos, foi formidável a forma com que eles se respeitavam e reagiam. Foi a primeira vez que promovi esta atividade mas, o facto é que acho que é uma boa estratégia e que desenvolve um conjunto de valores e atitudes que devem estar implícitos nos alunos.

18 de janeiro de 2011

Hoje, até ao recreio da manhã, os alunos estiveram a realizar uma ficha formativa sobre os nomes coletivos.

No que diz respeito à área da Matemática a professora recorreu à manipulação do 3.º e 4.º Dons de Fröebel onde os alunos estiveram a fazer a construção da Escadaria. De seguida, a professora colocou algumas situações problemáticas, com base na construção anterior, recorrendo ao cálculo mental.

Inferências e Fundamentação teórica

Através do manuseamento do material manipulável - Dons de Fröebel - os alunos estão em relação concreta com o mundo e realizam algumas associações com a natureza. Através deste material é possível que os alunos façam a passagem do conhecimento concreto para o abstrato. Segundo Rodríguez, citado em Caldeira (2009 b, p. 238): “A educação não é senão a via ou meio que conduz o homem, ser inteligente, racional e consciente, a exercitar, desenvolver e manifestar os elementos de vida que possui em si mesmo”

A aprendizagem torna-se mais eficaz, pois o material permite uma associação com o dia-a-dia da criança. Desta forma, o material pode proporcionar à criança desenvolver uma mente ativa e livre para abrir as portas do conhecimento.

24 de janeiro de 2011

Hoje, comecei a manhã de aulas com a área de Estudo de Meio com o tema - A idade das árvores. Levei um Bonsai, falei das características desta árvore e contei a Lenda inerente à mesma. Posteriormente levei parte de um tronco para os alunos visualizarem como se calcula a idade das árvores. Para finalizar, entreguei a cada criança uma ficha informativa que li em conjunto com as crianças.

Após o recreio da manhã, foi a vez do meu par de estágio dar a aula. O tema abordado foi - As gramíneas. Explicou o que se entende por gramíneas, falou no processo de cultivo e apanha do milho e, de seguida, deu exemplos de alguns cereais apresentando imagens e grãos para que os pudessem visualizar e manusear.

Inferências

É comum que a área de Estudo do Meio seja aquela que é dada no final da manhã e, na minha perspetiva, esta área é tão importante como qualquer outra. Desta forma, propus à professora titular que me deixasse dar uma aula isolada de todas as outras áreas do conhecimento a título de experiência... Foi um sucesso.

Os alunos estão acostumados a começar a manhã de aulas com as áreas Matemática ou Língua Portuguesa e, quando verificaram que a aula era na área de Estudo do Meio ficaram empolgadíssimos.

O facto de ter lido a lenda do Bonsai deixou-os bastante curiosos e fizeram diversas perguntas acerca do mesmo.

A proposta de trabalho consistia em calcularem a idade das árvores presentes nas figuras, contando os anéis que as constituíam. Foi uma aula simples mas, a meu ver, bastante apelativa para crianças com seis anos.

A aula da Joana também passou muito pelo manusear o que, segundo vários autores, leva a uma construção do conhecimento mais coesa. Também esta aula foi bastante simples mas os alunos aderiram muito bem a todas as estratégias adotadas.

28 de janeiro de 2011

Hoje a professora iniciou com a avaliação da tabuada do dois e do três.

De seguida, leu a história da Formiga Rabiga, e entregou a cada aluno uma folha com imagens da história. Para cada imagem teriam de escrever uma frase.

Mais tarde, os alunos estiveram a realizar a construção da guitarra com o 5.º Dom de Fröebel.

Inferências

O 5º dom de Fröebel é um material matemático inventado por Friedrich Wilhelm August Fröebel. A caixa de madeira do 5.º Dom de Fröebel é constituída por vinte e um cubos inteiros, três cubos partidos em dois meios e outros três cubos partidos em quatro quartos.

É utilizado para fazer construções, tendo sempre um interesse pedagógico inerente como o equilíbrio, a lateralidade, a noção espacial, o cálculo mental, entre outros.

Este material permite trabalhar imensas noções matemáticas ao mesmo tempo que desenvolve a destreza e a motricidade fina nos alunos pois, para o manusear os dedos têm de estar posicionados em forma de “pinça”, e não devem deixar cair as restantes peças.

31 de janeiro de 2011

Depois de uma conversa com os alunos sobre o que fizeram no fim-de-semana, a professora pediu-lhes que fizessem uma cópia do livro de leitura.

Depois do intervalo da manhã, e já na área de Matemática, a professora fez a avaliação da tabuada do 4. Posteriormente, ditou-lhes algumas situações problemáticas e estes, utilizando palhinhas e algarismos móveis iam-nas resolvendo no lugar.

Inferências e Fundamentação teórica

A tabuada é dos casos que todos os alunos devem conhecer pois, necessitam desta ferramenta para futuros cálculos matemáticos.

Ao exercitar a tabuada o aluno desenvolve a sua capacidade de raciocínio matemático e, segundo Mialaret (1975, p. 75) ”o importante é pôr em evidência a

estrutura da nossa numeração decimal e ensinar o aluno a aplicar os resultados obtidos em situações análogas”

Desde modo, podemos concluir que a tabuada é algo que tem de ficar bastante consolidado na memória do aluno com vista a ser facilitadora de futuras aprendizagens nesta área do conhecimento.

4 de fevereiro de 2011

Hoje o meu par pedagógico deu uma aula na área de Estudo do Meio sobre as estações e os meses do ano. Para elucidar o porquê de existirem estações do ano, recorreu a um globo terrestre e a um esquema.

Para finalizar a aula, entregou a cada aluno uma proposta de trabalho que continha uma sopa de letras sobre o tema. A proposta de trabalho contava ainda com quatro imagens de cada uma das estações do ano, em que os alunos teriam de identificar cada uma delas e colorir.

7 de fevereiro de 2011

A manhã começou com a leitura de um texto, do livro de leitura. De seguida, cada aluno, individualmente, leu um excerto do texto. Quando todos terminaram, a professora entregou uma folha a cada um para que realizassem um ditado do primeiro parágrafo do texto.

Após o recreio da manhã, os alunos estiveram a terminar os trabalhos que tinham em atraso.

Inferências e Fundamentação teórica

Um dos apelos mais marcantes nesta manhã de aulas foi a maneira como a professora reagiu perante uma situação de insucesso por parte de um aluno.

Depois de passar pelos lugares e corrigir os erros ortográficos do ditado, um aluno começou a chorar pois tinha cometido muitos erros. Perante esta situação a professora teve uma conversa com o aluno incentivando-o. Fez-lhe ver que acreditava que ele podia fazer melhor do que fez e que não iria contar com aquele ditado para avaliação, mas sim para exercitar.

Segundo Canavarro, Pereira e Pascoal (2001, p. 44).

“(...)são as consequências positivas de um comportamento que o promovem e consolidam, aumentam as probabilidades deste se manifestar novamente. O educador não deve partir do pressuposto que a criança tem o dever de se comportar bem e por isso não deve ser recompensada pelo seu bom desempenho. Os comportamentos adequados devem ser reforçados. O esforço é um instrumento fundamental da educação.”

A atitude da docente foi louvável. É necessário que o professor incentive o aluno pois só assim este alcançará o sucesso. São palavras de conforto e de esperança que a criança precisa de receber num momento de insucesso, tanto a nível escolar como pessoal.

8 de fevereiro de 2011

Hoje a aula foi dada por uma estagiária e o tema foi os sinónimos. Depois de juntar as mesas de forma a formar três grupos, explicou o que eram palavras sinónimas. Posteriormente fez um jogo apelando à consolidação do conteúdo. Contudo, ainda entregou a cada aluno uma proposta de trabalho com um exercício de palavras cruzadas em que, em cada coluna ou linha, teriam de escrever o sinónimo da palavra escrita ao lado.

Na área da Matemática, e após o recreio da manhã, os alunos estiveram a resolver operações de adição, subtração e multiplicação.

11 de fevereiro de 2011

Hoje, as crianças estiveram a realizar um ditado do manual e posteriormente ilustravam-no. À medida que iam terminando o exercício, dedicavam-se a acabar os trabalhos que tinham em atraso.

Inferências e Fundamentação teórica

O ditado é uma das estratégias que desenvolve bastante o vocabulário além de exercitar prática estruturada da escrita de palavras e desenvolver a capacidade de ouvir, e traduzir o que ouviram de forma escrita. De acordo com Condemarín e Chadwick (1987, p.186): “o exercício de registar com precisão as palavras exactas de orações ou parágrafos pode ser importante para desenvolver uma melhor percepção do uso dos matizes semânticos e sintácticos da linguagem”.

No 1.º ano de escolaridade, os ditados são bastante frequentes de forma a desenvolver no aluno capacidades inerentes à prática dos mesmos.

1.3. 3ª Secção – 3.º Momento

- Período de estágio de 30.11.2010 a 11.02.2011
- 2.º Ano – Turma B
- Professora Vera Sena

1.3.1. Caracterização da turma

De acordo com as informações fornecidas pela professorada sala, a turma do 2.º Ano B é constituída por vinte e cinco alunos, sendo treze do sexo masculino e doze do sexo feminino. Uma das alunas já tem oito anos. Entrou uma criança nova que não tinha frequentado nenhum Jardim-Escola em anos anteriores. Dois dos alunos faltam bastantes vezes à escola.

Existem vinte famílias estruturadas, quatro famílias não estruturadas e uma reestruturada.

Em termos culturais, é uma turma interessada pelo ambiente que a rodeia. São faladores, ainda que trabalhadores. Em termos gerais é uma turma homogénea, realizando as tarefas escolares que lhes são pedidas. Neste momento, dois alunos continuam a usufruir do apoio individualizado como no ano anterior.

A partir dos testes diagnósticos, foi possível tirar as seguintes conclusões. Na área da Matemática, a turma apresentou maiores dificuldades na leitura de números por ordens e classes, na resolução de situações problemáticas e na realização do algoritmo da subtração por empréstimo, na multiplicação e na divisão. Alguns apresentam dificuldades na numeração romana e nas unidades de tempo.

Na área da Língua Portuguesa, a turma ainda comete muitos erros ortográficos e apresenta dificuldades na produção de textos escritos.

O facto de ser uma turma muito homogénea, a nível de rendimento e aproveitamento escolar, faz com que a maior parte das vezes as tarefas propostas para o dia sejam executadas, pela maioria dos alunos.

1.3.2. Caracterização do espaço

A sala do 2.º Ano B está situada no 1º andar. Tem dez mesas duplas e cinco mesas individuais dispostas em filas de quatro. Tem um quadro para usar giz, e nas paredes

laterais dois painéis onde a professora expõe os trabalhos das aulas e alguns desenhos que os alunos trazem de casa, como se pode ver na figura 4.

No fundo da sala, atrás da secretária da professora, há um móvel com os dossiês dos alunos e livros. A sala tem numa parede duas grandes janelas com estores eléctricos viradas para o recreio.




Figura 4 – Panorâmica da sala do 2.º Ano B

1.3.3. Horário do 2.º Ano B

No quadro 5 está apresentado o horário da turma do 2.º Ano B e nele destacado conforme a legenda, o período e os dias semanais correspondentes à minha presença de estágio nesta turma.

Quadro – Horário do 2.º Ano B

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9.00 – 9.50					
10.00 – 10.50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11.00 – 11.30	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11.30 – 12.10					
12.10 – 13.00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13.00 – 14.30	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio
14.30 – 15.20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês	Estudo do Meio	Assembleia de Turma
15.20 – 16.10	ACND		Expressão Artística		Biblioteca/Informática
16.10 – 17.00	Hora do Conto	ACND		Educação Física	
17.00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
17.15	Saída	Saída	Saída	Saída	Saída

 Aulas observadas durante o período de estágio

1.3.4. Relatos diários

14 de fevereiro de 2011

Hoje, os alunos estiveram a realizar a Prova Mensal de Matemática.

Depois do recreio, estiveram a elaborar uma ficha formativa de Língua Portuguesa sobre análise morfológica e sintática.

Inferências

A avaliação intercalada, que se enquadra no tipo de avaliação mensal, procede segundo Ribeiro e Ribeiro (1989, p. 359) "(...) a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado."

Deste modo, a avaliação sumativa contempla não só uma série de verificações de assimilação da aprendizagem mas também um pilar fundamental na relação ensino/aprendizagem.

15 de fevereiro de 2011

Hoje, a professora iniciou a aula colocando, aos alunos, algumas questões de cálculo mental.

De seguida, e até ao recreio da manhã, os alunos estiveram a realizar operações de divisão e multiplicação. À medida que iam terminando, concluíam os trabalhos que tinham em atraso.

No segundo tempo da manhã, os alunos estiveram a fazer a leitura de um texto e interpretação escrita do mesmo.

Inferências e Fundamentação teórica

A estimulação ao cálculo mental é um trabalho que, segundo vários autores, deve ser diário e, para isso, o professor deverá ajudar os alunos a desenvolverem estratégias que lhes permitam organizar o pensamento de forma a chegar à resposta de forma rápida e lógica. De acordo com Ponte e Serrazina (2000, p.155): “No dia-a-dia, a maioria dos cálculos que fazemos são mentais. Nem sempre se pode usar papel e lápis, nem é necessário”.

Este tipo de exercício mental deve ser praticado diariamente e desde tenra idade, de modo a desenvolver estruturas mentais essenciais para o quotidiano dos adultos que queremos formar.

18 de fevereiro de 2011

Hoje, os alunos iniciaram a manhã de aulas com a realização de uma ficha de Matemática com as operações de multiplicação e divisão e respectivas provas. À medida que iam terminando, concluíam os trabalhos que tinham em atraso.

Depois do recreio, a professora leu um texto à turma e, de seguida, realizaram uma pequena ficha de interpretação do mesmo.

Inferências e Fundamentação teórica

Ao ler em voz alta o docente vai promover na criança o gosto pela leitura e pela fantasia das histórias e dos textos. Gradualmente, os ouvintes vão tornando-se cada vez mais autónomos e a leitura passa a ser individual e silenciosa, permitindo ao pequeno leitor descobrir o quão furtivo é a prática da leitura.

Segundo Veloso (2001, p. 24): “o ler em voz alta, com uma óbvia preparação prévia, mostra às crianças a musicalidade da palavra e a sua riqueza semântica.”

Desta forma, é bastante importante que a prática seja muito utilizada nas escolas principalmente no que diz respeito aos alunos mais novos.

7 de março de 2011

Hoje a professora iniciou a aula fazendo a leitura do texto “O Joca quer ser”, de António Torrado. De seguida, colocou algumas perguntas de interpretação sobre o mesmo e, posteriormente, escreveu no quadro o sumário deste dia.

Depois, entregou a cada aluno uma ficha de matemática sobre sólidos geométricos.

No segundo tempo da manhã, os alunos terminaram a ficha e arrumaram alguns trabalhos que tinham em atraso.

Inferências e Fundamentação teórica

No Programa de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no Bloco da Comunicação Oral, é referido que se deve ler e contar histórias aos alunos e que também estes devem “Contar histórias; contar histórias inventadas; participar, em grupo, na elaboração de histórias, de relatos” (Ministério da Educação, 2004, p.143).

Desta forma, e cumprindo com o que vem referido nesse programa, deve ser uma prática constante e obrigatória e que a hora de contar histórias exista no quotidiano dos alunos na sala de aula.

8 de março de 2011

Hoje os alunos passaram a manhã a terminarem os trabalhos que tinham em atraso. Os que tinham os trabalhos mais adiantados e, que acabavam a tarefa mais cedo, dirigiam-se ao “cantinho da leitura” e escolhiam um livro para ler até à hora do almoço.

14 de março de 2011

Hoje foi Dia dos Pais no Jardim-Escola. Neste dia, os pais assistiram às aulas e às atividades dos seus filhos, participando nestas.

A professora, durante 10 minutos, colocou algumas questões de cálculo mental aos alunos. De seguida, entregou a cada aluno um texto cujo título era *A ilha amarela*. Depois de todas as crianças o terem lido, a professora fez a leitura modelo, e posteriormente, responderam oralmente e em conjunto a algumas perguntas de interpretação.

Após o recreio da manhã, os alunos estiveram a resolver quatro situações problemáticas relativas a um pictograma.

Inferências e Fundamentação teórica

A cooperação dos pais na vida escolar dos filhos é essencial, pois quando trabalham em conjunto com a escola estabelecem e mantêm contextos de aprendizagem ativa com as crianças e os efeitos são inúmeros.

Tal como afirmam os autores Hohmann e Weikart (1997, p.131) "Ao colaborarem, os elementos obtêm reconhecimento, um sentido de trabalho bem-sucedido e um sentimento de pertença a um grupo de indivíduos que pensam de forma semelhante."

Nos Jardins-Escolas João de Deus a prática desta atividade acontece uma vez por mês, aproximadamente, e talvez por este motivo a relação que tenho presenciado entre pais e professores seja bastante coesa.

15 de março de 2011

Hoje o meu par pedagógico e eu estivemos a fazer a interpretação do texto e revisão de alguns conteúdos gramaticais, enquanto a professora titular esteve reunida com a diretora da escola.

Quando a professora chegou, entregou a cada aluno uma ficha com um texto e perguntas de interpretação.

A aula na área da Matemática deu lugar à realização de exercícios matemáticos em que tinham ler os números por classes e ordens.

18 de março de 2011

A manhã de aulas começou com a elaboração de uma ficha de Matemática sobre sólidos geométricos, enquanto ouviam música com o volume muito reduzido.

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos estiveram a realizar um pequeno exercício escrito sobre tempos verbais. Este consistia em conjugar o verbo brincar em todos os tempos do modo indicativo.

Inferências e Fundamentação teórica

Pedir às crianças que conjuguem os verbos e digam a conjugação que está presente, corresponde ao defendido no Programa de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo: "Aplicar as formas do Presente, Presente-Futuro, Futuro e Pretérito Perfeito do Indicativo de verbos regulares e dos verbos irregulares (ser, estar, ter)" (Ministério da Educação, 2004, p. 159).

Mais uma vez, e de acordo com as normas do Ministério da Educação, a prática desta atividade contempla um conjunto de capacidades a desenvolver e, está presente muitas vezes no quotidiano das aulas de Língua Portuguesa.

22 de março de 2011

Hoje os alunos estiveram a realizar o teste de Matemática até à hora do recreio da manhã.

Quando regressaram, a professora pediu-me que, em conjunto com os alunos, elaborasse uma composição coletiva. Esta consistia em criar uma história com base em imagens animadas em dispositivo digital.

28 de março de 2011

Hoje o meu par de estágio teve uma aula surpresa.

Às 9 h30 m, entrou na sala a professora Paula Colares Pereira que lhe pediu para dar uma aula na área da Matemática com o material Calculadores Multibásicos e o tema da aula era leitura de números até à classe dos milhões e uma situação problemática (uma soma ou subtração) com a respetiva prova dos nove.

Iniciou a aula perguntando a uma criança qual o nome do material que tinha à sua frente e como este era constituído. De seguida, relembrou as cores de cada peça relativamente à ordem que estas ocupam nas placas.

Terminou-a ditando uma situação problemática em que os alunos teriam de somar elementos e realizar a prova dos nove para confirmar se a operação estava ou não correta.

Posteriormente dirigimo-nos ao ginásio para uma reunião com a professora da equipa de Supervisão Pedagógica, a professora da sala e os colegas de estágio.

Inferências e Fundamentação teórica

Ouvir e refletir sobre o parecer dos professores de Prática Pedagógica são atos extremamente importantes na formação de futuros professores. É através da comunicação que estes últimos tomam consciência dos seus progressos e dificuldades relativamente às aprendizagens que vêm a desenvolver. Fernandes (2005, p.83) afirma que durante a sua formação, é importante que os estagiários saibam “aprender, interpretar e relacionar com as qualidades que desenvolvam e utilizar para perceber como melhorar as suas aprendizagens”.

É extremamente importante que os alunos se sintam orientados e sejam avaliados em relação ao seu desempenho de forma a melhorarem a sua prestação e as suas aprendizagens.

29 de março de 2011

Hoje as crianças estiveram a realizar a Prova de Estudo do Meio até ao recreio da manhã.

Quando regressaram, a Joana iniciou a aula na área de Estudo do Meio sobre os Meios de Comunicação Social. Recorreu a um Powerpoint, onde começou por contextualizar a aula, falando sobre os meios de comunicação que havia nos tempos da Pré-história e como estes evoluíram até aos dias de hoje.

Para terminar, entregou a cada aluno uma ficha informativa sobre o tema e, em conjunto, fizeram a leitura da mesma.

Inferências e Fundamentação teórica

Os conteúdos apresentados de forma abstrata fazem com que não consigam visualizar o que lhes está a ser transmitido e, por esta razão, o conteúdo pode não ficar consolidado.

Desta forma, a utilização do Powerpoint deverá ser adequada e bem utilizada poi, de acordo com Garcia et al. (2002, p.300):

“(…) a simples presença de novas tecnologias na aula não asseguram um ensino de qualidade, senão que é necessário saber utilizá-las criteriosamente, quer por parte dos docentes quer dos discentes, devendo distinguir-se entre a função didáctica de carácter primário (como a motivação) e de carácter secundário (como a função inovadora e estruturadora/ reestruturadora da realidade)”.

Segundo vários autores os audiovisuais, por um lado, possibilitam, também, o uso da visão e da audição, o que permite à criança aprender mais facilmente e reter durante mais tempo o que se aprendeu e, por outro lado, permite ao professor diversificar as estratégias de ensino, fugindo um pouco ao manual.

5 de abril de 2011

Hoje fomos visitar o Planetário de Lisboa, juntamente com a turma do 2.º Ano.

Antes de sairmos da escola, a professora lembrou às crianças algumas regras de comportamento que deviam ter durante a visita.

Às 11h, as crianças, professoras e estagiárias entraram e, até às 11h 30m, ouviram a explicação da guia e assistiram a uma projeção acerca das estrelas, constelações, planetas, fases da lua, movimentos de rotação e translação desta e do sol, entre outros temas relativos ao espaço.

Inferências e Fundamentação teórica

A visita de estudo é uma estratégia que promove uma estimulação considerável dos alunos, pois constitui uma saída do espaço escolar e conta sempre com a vertente pedagógica. Contudo, a componente lúdica e criativa que está presente nesta prática, faz com que a visita de estudo seja encarada como uma das iniciativas que mais agrada aos alunos. Segundo Gaspar (1996, p.24):

“Fora dos muros da escola também se aprende. Na rua, em casa, no trabalho, no campo, na cidade, aí mesmo se pode desenvolver o espírito crítico, a responsabilidade, a curiosidade e a originalidade, além de se fomentarem novos modos de expressão e o amor pela comunidade onde cada um se insere...”

Desta forma, devemos considerar as visitas de estudo como uma mais-valia para os alunos e uma prática a desenvolver sempre que possível.

8 de abril de 2011

Hoje estive a assistir a uma aula programada no 2.º Ano A.

A estagiária começou a aula na área de Estudo do Meio, onde falou sobre o jornal. Entregou vários jornais pela turma e, à medida que ia mostrando um Powerpoint sobre o tema, ia colocando algumas perguntas às crianças.

Logo que entregou os jornais, os alunos começaram a dispersar a atenção, “ignorando” por completo a informação que lhes estava a ser transmitida. A partir daí, não conseguiu manter a atenção por parte dos alunos, e logo se instalou o barulho na sala.

Depois, na área de Língua Portuguesa, falou sobre a estrutura do jornal. Entregou a cada criança um envelope que continha frases e uma folha de papel. No quadro, tinha exposto o mesmo material que as crianças mas em tamanho grande para que todas conseguissem visualizar. As frases que se encontravam dentro do envelope constituíam as várias partes da notícia: título, lead e corpo da notícia. O objetivo era as crianças colarem as frases nos respetivos lugares.

Seguiu-se a aula na área de Matemática mas, uma vez que tinha terminado o tempo, a professora supervisora saiu da sala e nós, estagiárias que estávamos a assistir, saímos também.

De seguida, dirigimo-nos à sala multiusos onde assistimos à reunião acerca das aulas que foram dadas hoje.

Inferências e fundamentação teórica

A falta de disciplina nesta aula foi constante. A estagiária não conseguiu ser disciplinadora com a turma e a aula teve muitas quebras por esse mesmo motivo.

Segundo Marques (2001, p.108): “Nem sempre é fácil criar regras que obtenham o consenso e a compreensão de todos, tanto mais que, na mesma sala, coexistem alunos com diferentes níveis de maturidade cognitiva e moral”.

A estratégia utilizada não foi, a meu ver, a mais correta ou pelo menos não era aquela que eu utilizaria. A estagiária poderia ter deixado os alunos explorarem

livremente o material (jornal) mas só depois de terem explorado o conteúdo programático.

Segundo o mesmo autor, “A disciplina depende, em grande parte, de uma boa organização da sala de aula, e de uma adequada gestão do tempo”. (p.107)

A má gestão do tempo também esteve presente nesta aula o que fez com que a estagiária tivesse de acelerar a mesma, deixando assim a área de Matemática por lecionar.

11 de abril de 2011

Este dia fez parte da semana de Roullemant,

As crianças estiveram a brincar no recreio até às 10h. Durante o resto da manhã, estiveram na sala a acabar os trabalhos que tinham em atraso e a fazerem desenhos.

Inferências e Fundamentação teórica

O recreio é um espaço onde a criança socializa com a comunidade escolar. É no recreio que a criança tem a oportunidade de se libertar, de descontrair, de conhecer-se a si, aos outros e à natureza, o que lhe permite momentos de grande prazer e diversão. Cordeiro (2010, p.377) afirma que:

“o recreio é um espaço da maior importância. O recreio apresenta uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em atividades lúdicas vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos”.

As semanas de Roullemant contribuem, deste modo, para uma maior interação entre alunos do mesmo ano já que partilham a mesma sala e, a meu ver, esta prática favorece a coesão do grupo.

12 de abril de 2011

O recreio da manhã (devido ao Roullemant) durou cerca de uma hora.

Posteriormente, dirigimo-nos à sala de aula onde estivemos a jogar ao “Jogo da Força” com temas de conteúdos programáticos.

Às 11h, os alunos foram ao recreio, acompanhadas da professora, onde ficaram até às 13h. Durante o recreio, crianças e estagiárias estiveram a realizar várias atividades que tinham previamente planeado.

Inferências e Fundamentação teórica

O Jogo tem um papel verdadeiramente importante no desenvolvimento da criança, tanto a nível motor como também a nível social.

Segundo Jesus (2002, p.61): “É através do Jogo que a criança descobre o mundo que a rodeia, se integra na sociedade e com ela se relaciona e, principalmente, realiza as suas experiências.

A criança aprende jogando e dessa forma o jogo vai influenciar decididamente a sua personalidade”.

Desta forma, é através do jogo que as crianças desenvolvem destrezas capazes de ajuda-las futuramente.

15 de abril de 2011

Às 9h, os alunos reuniram-se no recreio, onde permaneceram até meio da manhã.

De seguida, dirigimo-nos à biblioteca, onde as crianças se entreteram a ler histórias, em grupo ou individualmente, enquanto outras jogavam com a consola.

Às 11h, fomos para o recreio, onde ficámos até às 13h.

Inferências e Fundamentação teórica

A interação dos alunos com o espaço da biblioteca é bastante importante. É aqui que as crianças dão largas à imaginação ao folhearem um livro, observando as imagens e interpretando e estruturando a história na sua cabeça.

Teberosky e Colomer (2003, p.119) defendem que “observar detalhadamente os livros leva, com naturalidade, a criança a fixar a atenção nos detalhes e a formar uma interpretação global baseada na sua coerência”.

É necessária a existência deste tipo de atividades onde o aluno pode pesquisar, ler e deslocar-se no espaço da biblioteca livremente. A ida não organizada à biblioteca é, para mim, um momento tão essencial como qualquer outra prática.

1.4. 4ª Secção – 4.º Momento

A semana de estágio intensivo realizou-se no período entre 28.02.2011 a 04.03.2011, com a professora cooperante Rita Augusto. Em virtude de já ter estado a estagiar nesta sala com esta professora apenas relatarei o que aconteceu nesta semana de contacto com a realidade educativa intensiva. O horário realizado era das 9h às 17h, nos cinco dias úteis.

28 de fevereiro de 2011

Hoje, e até ao recreio da manhã, os alunos estiveram a corrigir a Prova de Aferição de Matemática.

Quando regressaram, iniciaram a correção das composições que tinham feito como trabalho de casa. Cada aluno lia a sua composição à turma e cada membro do júri (escolhido pela professora) avaliava, quantitativamente, de 0 a 5, segundo vários parâmetros (expressividade, originalidade, dicção, pontuação e criatividade). Por fim, cabia à professora avaliar o trabalho e dar uma nota quantitativa.

Depois do recreio do almoço, os alunos tiveram aula de Expressão Plástica onde estiveram a elaborar o presente do Dia do Pai.

A última aula do dia foi a de Inglês, onde estiveram a fazer revisões para o teste.

Inferências e Fundamentação teórica

A aprendizagem do inglês é obrigatória segundo o Ministério da Educação. De acordo com García et al. (2001, p.302) permite uma “educação para uma cidadania mais responsável e participada”.

O Inglês é uma unidade que desenvolve competências e estimula o interesse pela aprendizagem de um outro idioma ao longo da vida.

É bastante importante a aprendizagem da Língua Universal por parte dos jovens se tivermos em conta que, num mundo cada vez mais global, o domínio desta língua possa ser essencial.

1 de março de 2011

Hoje estagiei no 2.º Ano B pois os alunos do 4.º Ano foram a uma visita de estudo à Tapada de Mafra.

Os alunos começaram o dia a realizar um ditado de lateralização (Macieira) e, de seguida, resolveram três situações problemáticas.

Em Língua Portuguesa, a professora escreveu uma frase no quadro e pediu aos alunos para fazerem a análise morfológica da mesma.

Depois do recreio do almoço, a turma dividiu-se em 5 grupos e cada grupo apresentou o seu trabalho sobre o Sistema Solar.

Inferências e Fundamentação teórica

Os exercícios de lateralidade permitem desenvolver nas crianças várias componentes fundamentais como o esquema corporal, o equilíbrio, a coordenação, a estruturação espacial e temporal. Assim, de acordo com Condemarín e Chadwick (1987, p.29): “A lateralidade gráfica implica uma actividade altamente simbólica que requer uma organização perceptiva motora específica e complexa. A lateralidade é expressa em actividades de manipulação e heterogéneas”.

Desta forma, é necessário que a criança consiga controlar os seus movimentos, consciencializando-se de que é através do movimento dinâmico que se consegue o controlo do corpo.

2 de março de 2011

Até ao recreio da manhã, os alunos estiveram a ler um texto cujo título era “Uma história só”. Posteriormente, realizaram um roteiro da leitura do texto que consistia em responder a determinadas perguntas que se encontravam no mesmo, como “Qual o título do texto?”, “Quantos parágrafos tem?”, “Qual a ideia principal do texto?”, etc.

Ainda antes do recreio os alunos, divididos em dois grupos, tiveram a aula de Cerâmica.

No segundo tempo da manhã, estiveram a resolver uma proposta de trabalho sobre medidas de massa.

Depois do almoço, regressaram à sala de aula onde tiveram aula de Música.

3 de março de 2011

Hoje a manhã de aulas teve início com a leitura e interpretação escrita de um texto.

De seguida, e antes do recreio da manhã, os alunos estiveram a resolver quatro situações problemáticas.

Quando regressaram, duas estagiárias e eu estivemos a resolver exercícios matemáticos em conjunto com os alunos.

Da parte da tarde, a turma organizou-se em 5 grupos de 3 elementos. Formados os grupos, a professora entregou a cada um, um tema de História de Portugal. Cada grupo ficou encarregue de trabalhar um rei de Portugal.

4 de março de 2011

Hoje foi a festa de Carnaval no Jardim-Escola. À medida que as crianças iam chegando, juntavam-se no salão para, mais tarde, se agruparem de acordo com as máscaras que traziam. Desta forma, foram feitos vários grupos como o das princesas, dos super-heróis, dos vampiros, das espanholas, entre outros. Posteriormente, deram início ao desfile de máscaras pelo Jardim da Estrela.

Quando regressaram à escola estiveram a brincar no pátio até à hora do almoço.

Depois do almoço, as crianças e os professores juntaram-se no recreio do Pré-escolar para assistir a um espetáculo da Sic-K.

Inferências e Fundamentação teórica

É no Carnaval que a criança pode encarnar uma personagem com que se identifique.

Segundo Aguera (2008, p.58): “As festas e celebrações constituem actos extra, nas quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande utilidade para promover a socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças”.

Neste dia, a presença dos pais também foi muito importante uma vez que os alunos, mascarados com as suas fantasias, desfilavam alegremente enquanto os pais iam acompanhando o cortejo.

1.5. 5.ª Secção – 5.º Momento

- Período de estágio de 02.05.2011 a 08.07.2011
- 3.º Ano – Turma B
- Professora Susana Garcia

1.5.1. Caracterização da turma

Segundo informações fornecidas pela professora Susana Garcia, a turma do 3.º Ano B é constituída por vinte e sete alunos: dezasseis elementos do sexo feminino e onze elementos do sexo masculino.

Em termos socioeconómicos, a turma caracteriza-se entre o médio e o nível médio alto, tendo em conta que a maioria das famílias apresenta o curso superior e exerce-o na profissão.

Existem dezassete famílias estruturadas e dez famílias não estruturadas.

Existem vinte e quatro alunos que residem próximo da escola e três que vivem longe da mesma. Onze alunos deslocam-se a pé, um aluno utiliza transportes públicos e quinze têm transporte próprio.

Em termos culturais é uma turma interessada no ambiente que a rodeia, mostrando-se participativa e empenhada no decorrer das aulas.

A partir dos testes diagnósticos foi possível retirar as seguintes conclusões: na área da Matemática, revelam dificuldades na resolução de situações problemáticas não rotineiras, nos algoritmos da divisão e multiplicação, pois os alunos ainda não memorizaram a tabuada, na leitura de números e na numeração romana.

Na área da Língua Portuguesa, apresentam dificuldades na produção de textos, na conjugação de verbos e ainda cometem muitos erros ortográficos.

Quatro alunos apresentam algumas dificuldades de aprendizagem, continuando a frequentar o apoio individualizado já ministrado no ano anterior.

É de referir que alguns alunos se distraem com facilidade no decorrer das aulas, atrasando-se, por vezes, nos trabalhos propostos. No geral, a turma do 3.º B é uma turma assídua e pontual.

1.5.2. Caracterização do espaço

A sala do 3.º Ano B está situada no 1.º piso. Tem três janelas viradas para o recreio do Pré-Escolar.

Conforme se pode ver na figura 5, o mobiliário é composto por catorze mesas duplas, uma secretária e um armário de madeira onde a professora guarda os livros e o material escolar. Numa das paredes há um quadro interativo e na parede oposta existe um quadro de giz. Há ainda uma parede onde está afixado um painel que é utilizado para colocar os trabalhos dos alunos.




Figura 5 – Apresentação da sala do 3.º Ano B

1.5.3. Horário do 3.º Ano B

No quadro 6 será apresentado o horário que diz respeito à turma do 3.º Ano B e, será destacado conforme a legenda, o período e os dias semanais correspondentes à minha presença de estágio nesta turma.

Quadro 6 – Horário do 3.º Ano B

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9.00 – 9.50					
10.00 – 10.50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11.00 – 11.30	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11.30 – 12.10					
12.10 – 13.00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13.00 – 14.30	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio
14.30 – 15.20	Estudo do Meio	ACND	ACND	ACND	Educação Musical
15.20 – 16.10		Clube de Ciência	Biblioteca/Informática	Expressão Artística	Educação Física
16.10 – 17.00	Hora do Conto	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês	Assembleia de Turma ACND
17.00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
17.15	Saída	Saída	Saída	Saída	Saída

 Aulas observadas durante o período de estágio

1.5.4. Relatos diários

2 de maio de 2011

No primeiro dia de estágio no 3.º Ano B, os alunos apresentaram-se, à Joana e a mim, e nós dedicámos alguns minutos a responder às questões por parte dos alunos.

Na aula de Matemática foi entregue uma proposta de trabalho com várias operações de multiplicação e divisão e, enquanto as crianças trabalhavam, a professora indicou-nos quais as crianças que apresentavam maiores dificuldades de aprendizagem e, por essa razão, requeriam maior atenção pela nossa parte.

De seguida, a professora deu início à correção da proposta de trabalho, resolvendo as situações problemáticas no quadro e em conjunto com os alunos.

Inferências e Fundamentação teórica

O treino de operações matemáticas desenvolve no aluno a capacidade de compreensão de conceitos e estratégias que se prendem com a realização de cálculos. Ponte e Serrazina (2000, p. 135) afirmam que “ (...) a compreensão global dos números e das operações bem como a sua utilização de maneira flexível para fazer julgamentos matemáticos, desenvolve estratégias úteis de manipulação dos números e operações. O reconhecimento e a utilização de diferentes formas de representação das operações são um facilitador de apreensão de conceitos”.

As operações devem ser representadas de diferentes formas uma vez que desenvolvem no aluno a capacidade de concretização de inúmeras maneiras de resolver operações d quotidiano.

3 de maio de 2011

Hoje, e depois de estarem todos sentados nos seus lugares, a professora entregou a cada aluno uma proposta de trabalho de Matemática sobre perímetros e áreas do quadrado e do retângulo.

Enquanto isso, o meu par de estágio e eu reunimo-nos com a professora para marcarmos as datas e os temas das aulas que vamos lecionar.

Na área de Língua Portuguesa, a professora pediu-lhes que abrissem o livro de leitura para fazer a leitura modelo e depois pediu a três crianças que o lessem. De seguida, pediu-lhes que fechassem o livro e fez um ditado dos três primeiros parágrafos do texto.

Mais tarde, os alunos estiveram, individualmente, a conjugar o verbo “amar” em todos os tempos verbais do modo indicativo.

6 de maio de 2011

Hoje, a professora Susana ausentou-se da sala pois esteve a vigiar as Provas de Aferição de Língua Portuguesa de uma das turmas do 4.º Ano.

Uma vez que o professor titular da turma não pode estar presente durante as provas, quem esteve a acompanhar os alunos do 3.º Ano B, durante toda a manhã, foi o professor do 4.º Ano A.

Antes disso, a professora deixou trabalho que os alunos teriam de desenvolver e, o meu par de estágio e eu, explicámos aos alunos em que consistia a proposta de trabalho.

Comecei por realizar um ditado lacunar em que o texto apresentado tinha como título “Pé-ante-pé”. Este texto correspondia à letra de uma canção que continha 29 espaços para completar, à medida que ouviam a música. Quando a música terminava, colocávamo-la a tocar novamente até todas as crianças terem terminado.

Ao terminarem, as crianças respondiam às perguntas de interpretação do texto que tinham acabado de ouvir.

Posteriormente o professor que tinha ficado a substituir a professora titular da turma, entregou uma proposta de trabalho de matemática sobre áreas e perímetros.

Inferências e Fundamentação teórica

As provas de Aferição de Língua Portuguesa e de Matemática dos 1.º e 2.º Ciclos visam, tal como o nome indica, aferir os conhecimentos do aluno. Estas provas constituem uma avaliação intercalar que se enquadra no tipo de avaliação sumativa. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1989, p.359): “A avaliação sumativa procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado”.

A informação inerente a esta prática transmite a professores, alunos e pais, os conhecimentos e a preparação apresentada num resultado da prática educativa que ficou apreendida.

9 de maio de 2011

Hoje houve aula surpresa no 2.º Ano B e, por esse motivo, o meu par de estágio e eu teríamos de ir assistir. Dirigimo-nos então à sala e quando entrámos já lá estava a professora orientadora.

O tema dado foi leitura de números e uma soma com empréstimo, utilizando o material Calculadores Multibásicos.

A aluna começou por distribuir uma caixa de Calculadores por cada criança. De seguida, relembrou o nome do material com o qual iriam trabalhar e as regras que tinham de respeitar aquando da sua utilização.

Começou por ditar um número e pediu às crianças que o representassem nas placas. De seguida, pediu a uma criança que lesse a placa por ordens e a outra que lesse por classes.

A estagiária questionou –as sobre os Algarismos de maior valor absoluto e relativo e qual o Algarismo de ordem 2 antes de ditar uma situação problemática para introduzir a soma.

10 de maio de 2011

Hoje tive aula surpresa de Matemática e o conteúdo proposto foi divisões com números decimais.

Comecei por escrever no quadro uma divisão em que o dividendo era constituído por quatro Algarismos e o divisor por dois. Uma vez que o primeiro tinha uma casa decimal e o segundo tinha duas, lembrei a regra da divisão com números decimais em que o dividendo tem de ter mais ou igual número de casas decimais que o divisor.

Posteriormente aferi os conhecimentos adquiridos através de mais duas operações semelhantes.

Findada a aula surpresa, dirigi-me à biblioteca para a reunião pedagógica que acontece sempre que há aulas dadas pelas estagiárias.

16 de maio de 2011

A manhã de aulas foi dada pelo meu par de estágio.

A Joana iniciou a aula de Estudo do Meio, cujo conteúdo abordado foi os movimentos da Terra (Rotação e Translação).

Através de uma maquete representativa do sistema solar, começou por falar do movimento de rotação e, posteriormente, do movimento de translação.

Para consolidar o tema, entregou a cada aluno uma proposta de trabalho e um envelope. Esta era constituída por frases incompletas e que os alunos teriam de completar com palavras que se encontravam dentro de cada envelope.

Na área de Matemática, utilizou o Geoplano para introduzir a temática sobre a área do triângulo. Pediu às crianças que representassem um retângulo e que calculassem mentalmente a área deste. De seguida, pediu que, utilizando apenas um elástico, representassem um triângulo no interior do retângulo, de forma a obterem dois triângulos retângulos iguais. Desta forma, explicou que podemos calcular a área de um triângulo a partir da área de um rectângulo.

Em Língua Portuguesa falou sobre os advérbios de tempo, lugar e modo. Cada aluno tinha, escondido debaixo da sua mesa, um advérbio. Depois de explicar o significado desta classe de palavras, a estagiária pediu que cada aluno construísse uma frase onde utilizasse o advérbio que lhe tinha sido em sorte.

Inferências e Fundamentação teórica

Abordar os movimentos de rotação e translação do planeta Terra, utilizando material de apoio e pedindo a colaboração dos alunos para encenarem o planeta Terra e a Lua, respondem exatamente ao que é proposto pelo programa de Estudo do Meio do 1.º Ciclo do Ensino Básico no âmbito da Descoberta do Ambiente Natural.

Assim, de acordo com o Ministério da Educação (2004, p. 118): “Constatar a forma da Terra através de fotografias, ilustrações (...)” permite às crianças reterem mais informação, visualizando.

Deste modo, é indispensável que a escola disponha de material de apoio, uma vez que o tema é muito abstrato, necessitando porém de um auxílio material.

17 de maio de 2011

Hoje houve uma aula surpresa dada por uma aluna do Mestrado. Foi pedido à estagiária que em 30 minutos abordasse a soma com empréstimo, utilizando o material Calculadores Multibásicos. Esta começou por distribuir uma caixa por cada aluno e, de seguida, ditou um número para os alunos representarem nas placas.

À medida que os alunos iam representando o número, a estagiária ia circulando pela sala, verificando se havia dúvidas. Depois, ditou uma situação problemática onde introduziu a soma.

Inferências e Fundamentação teórica

Os Calculadores Multibásicos são um material matemático que permite aos alunos trabalhar várias situações problemáticas, ajudando-os a construir conceitos matemáticos como representar quantidades, efetuar cálculos e realizar leitura de números, começando por colocar as unidades no orifício mais à direita da placa.

Este material é constituído por um conjunto de três placas de plástico com cinco orifícios cada uma e um conjunto de cinquenta peças de cores diferentes: dez peças amarelas, treze peças verdes, treze peças encarnadas, dez peças azuis, duas peças cor-de-rosa e duas peças de cor lilás. Todas as peças encaixam umas nas outras formando “torres”.

Segundo Palhares (2004, p.171): “A base dum sistema de numeração é o número de unidades de uma certa ordem com as quais se forma uma unidade de ordem imediatamente superior”.

Assim, o recurso a este material é uma mais valia pois, ao utilizá-lo, a criança tem oportunidade de experimentar, colocando hipóteses, e tirar conclusões através da reflexão.

20 de maio de 2011

Hoje, e uma vez que os alunos do 3.º Ano A e B foram a uma visita de estudo, estive a estagiar na sala do 2.º Ano A.

A manhã de aulas iniciou-se com um trabalho de Matemática sobre operações aritméticas (multiplicação e divisão) e respetivas provas.

Este trabalho teve a duração do período diário de estágio uma vez que a proposta de trabalho era extensa e trabalhosa.

27 de maio de 2011

Hoje foi a aula programada do meu par de estágio.

Iniciou a aula por relembrar aos alunos, os dois movimentos que a Terra faz e a partir daí fez a ponte para os dois movimentos da Lua. Através de uma maquete representativa dos três astros (Sol, Terra e Lua), questionou os alunos acerca da formação da Lua.

Através de um cartaz (com o Sol e o planeta Terra) exposto no quadro, fez a legenda com as quatro fases da Lua.

Na área de Matemática, apresentou um gráfico de barras e distribuiu por cada aluno uma ficha com um gráfico igual ao exposto no quadro, para que pudessem analisá-lo e responder às questões.

Na aula de Língua Portuguesa, colocou uma frase no quadro e pediu a um aluno para classificar morfologicamente o verbo “fazer”. Uma vez que o verbo se encontrava no Modo Condicional, o aluno não conseguiu classificá-lo e assim, apresentou o Modo Condicional e as suas terminações.

De seguida, pediu a outro aluno para conjugar, oralmente, o verbo “fazer” no mesmo Modo.

31 de maio de 2011

Hoje foi a minha manhã de aulas.

Iniciei a manhã de aulas com a área de Língua Portuguesa onde abordei as palavras homónimas, homófonas e homógrafas. Recorri a um Powerpoint para explicar o tema e, para consolidar, entreguei a cada aluno uma proposta de trabalho em que tinham de identificar cada par de palavras como sendo homónimas, homógrafas ou homófonas (Ex.: conselho/concelho; banco/banco).

Na área de Matemática o tema abordado foi a área de figuras irregulares. Distribui por cada aluno uma caixa do material Cuisenaire. Depois, pedi que, com três peças à escolha, mas com o mesmo número de unidades de área (13 unidades) representassem uma figura.

Posteriormente, e após ter verificado se todos os alunos tinham construído uma figura de acordo com as indicações dadas, pedi a três alunos que representassem no quadro as figuras que construíram. Desta forma, expliquei o que são figuras irregulares e como se calcula a área destas.

No segundo tempo da manhã iniciei a aula na área de Estudo do Meio que tinha como tema central os pontos cardeais e colaterais. Este conteúdo foi apresentado através de suporte digital.

6 de junho de 2011

Hoje a manhã de aulas foi dada pelo meu par de estágio.

Na área de Matemática, recorreu a um Powerpoint para abordar os submúltiplos das medidas de volume. Depois de relembrar quais os submúltiplos das medidas de comprimento e de área, conteúdos esses já conhecidos pelos alunos, explicou quais os submúltiplos das medidas de volume. De seguida, entregou a cada aluno uma proposta de trabalho que consistia em fazer reduções entre os submúltiplos aprendidos hoje.

Na área de História de Portugal, recorreu mais uma vez ao Powerpoint para explicar o Interregno.

No segundo tempo da manhã, a Joana não teve oportunidade de iniciar a aula de Língua Portuguesa que tinha preparado para este dia pois, houve um simulacro de incêndio.

Inferências e Fundamentação teórica

O resultado do simulacro, segundo a proteção civil foi muito bom. Quando tocou o alarme, todos os alunos, acompanhados pelas respetivas professoras, educadoras e estagiárias dirigiram-se ao recreio onde permaneceram até novas ordens. De acordo com as normas de segurança fornecidas pelo Ministério da Educação (1996, p.35):

“Devem efectuar-se, regularmente, testes ao Plano de Emergência de modo a garantir a sua funcionalidade durante um fenómeno de risco, analisando, profundamente, as estruturas de comando e de controlo, a reacção dos intervenientes, a interacção entre estes e a regulamentação a aplicar, assim como, a capacidade de recuperação das funções de gestão de uma Instituição”.

E essencial que estes tipo de situações sejam testadas pois a segurança das crianças deve ser posta em primeiro lugar. Perante uma situação real toda a comunidade escolar deste Jardim-Escola estava positivamente preparada.

7 de junho de 2011

Hoje, até ao recreio da manhã, os alunos estiveram a realizar a prova trimestral de Língua Portuguesa.

Quando regressaram, o meu par de estágio deu a aula de Língua Portuguesa que não pôde ser realizada no dia anterior. Através de um Powerpoint, apresentou aos alunos as características dos verbos auxiliares e para que servem. Depois, para consolidar a matéria, pediu a todos os alunos que escrevessem uma frase constituída pelo verbo principal e por um verbo auxiliar.

Inferências e Fundamentação teórica

E frequente que as estagiárias recorram às T.I.C. para lecionarem os conteúdos programáticos. Contudo, a correta utilização dos audiovisuais é um meio fundamental de fazer chegar a informação, claramente, aos alunos.

Cabe ao professor intervir de forma a proporcionar, eficazmente, momentos de aprendizagem às crianças que tem à sua frente. Segundo Proença (1990, p.105): “(...) a escola tem que aproveitar as vantagens da utilização dos audiovisuais, já que este responde a muitas necessidades de aprendizagem”.

Tem de existir um bom manuseamento do material, de forma a clarificar e facilitar a aprendizagem dos conceitos.

14 de junho de 2011

Hoje foi a minha última manhã de aulas programadas.

O tema de Matemática foi a noção de volume e, para o fazer recorri a uma experiência. Em cima da mesa tinha vários recipientes vazios e apenas um estava cheio. Havia um desses recipientes que, embora com forma diferente, possuía a mesma capacidade de água ou seja, ocupavam o mesmo volume.

Os alunos iam registando os passos da experiência enquanto eu ia manuseando o material.

Em Língua Portuguesa o conteúdo que lecionei foi a composição coletiva. Ia apresentado imagens a pares de personagens, objetos, locais e tempo meteorológico. Depois de feita a composição e, como as imagens que escolhi foram alusivas ao tema de Estudo do Meio, (Meios de comunicação pessoal) passei para esta área reforçando o conteúdo recorrendo a um Powerpoint. Por último consolidei a matéria com uma ficha formativa.

Inferências e Fundamentação teórica

Segundo o Ministério da Educação (2007, p.25): “(...) pretende-se que os professores se familiarizem com a temática da aprendizagem das Ciências no quadro referencial do construtivismo (...) os professores devem ter oportunidade de (re)conhecer a importância das concepções alternativas dos alunos sobre conceitos centrais em Ciências.”

Desta forma e, em relação à experiência, os alunos primariamente acharam que a água contida no recipiente não ocupava o mesmo volume do que qualquer um dos outros recipientes por estes terem formas e tamanhos diferentes.

A ideia de juntar a área das Ciências com a área de Matemática foi, a meu ver, muito bem-conseguida pois as duas áreas intercalaram-se na perfeição e, futuramente, irei proceder mais vezes a estratégias como esta.

Segundo Caamaño (2002, 2003) citado pelo Ministério da Educação (2007, p.39) “(...) das tarefas a realizar, podem considerar-se quatro tipos de práticas: experiências sensoriais (...), experiências de verificação/ilustração (...), exercícios práticos (...) e investigações ou actividades investigativas.

Esta experiência visou a exploração destes itens.

17 de junho de 2011

Hoje houve, no Jardim-Escola, Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional do Pré-Escolar. Os alunos do 1.º Ciclo, acompanhados dos professores e estagiárias, foram para o Jardim da Estrela, onde estiveram a participar em actividades lúdicas, tais como: pinturas, reciclagem, badmington, saltar à corda, leitura e escrita de slogans alusivos à preservação do ambiente.

Inferências e Fundamentação teórica

As actividades lúdicas que as crianças praticam fora da sala de aula são sempre importantes na medida em que proporcionam o contacto com a natureza. Desta forma,

Cordeiro (2010, p. 334) afirma que “Brincar não é necessariamente sinónimo de actividade, mas a maioria dos jogos e brincadeiras envolve a acção dos músculos, articulações e ossos, da visão, audição e percepção dos movimentos, coordenação entre o cérebro e o corpo, ou psicomotricidade”.

Esta manhã, e por ser diferente do habitual, proporcionou momentos de grande descontração e sociabilização tanto para os alunos como para os docentes e estagiários.

20 de junho de 2011

Hoje foi dia de Prova Prática de Aptidão Profissional do 1.º Ciclo. Dei aula no 2.º Ano B, às 9h 30m.

O tema central da minha aula foi a erosão marinha e, deste modo, comecei por analisar um texto adaptado sobre o tema. Cada aluno tinha um exemplar do texto e, na parte detrás, estava escrita uma frase (contida no texto) para os alunos analisarem-na sintaticamente.

No seguimento da análise sintática abordei um conteúdo novo – grupo móvel.

Posteriormente, passei para a área do Estudo do Meio onde dei as principais características da erosão marinha através de um dispositivo digital.

Já na área de Matemática fiz uma construção com o 5.º Dom de Fröebel – vivendas em banda- inventada por mim, onde abordei situações problemáticas não-rotineiras.

Mais tarde fiz o jogo da gincana dividindo a turma em dois grupos com o objetivo de encontrarem em dois recipientes com água, areia, pequenos seixos e letras móveis que formavam as palavras “erosão marinha”.

Inerências e Fundamentação teórica

A reflexão desta aula está contida no capítulo das planificações. Contudo, acho importante salientar a importância do jogo na educação. Segundo Elkonin (1998, p. 417):

“(...) o jogo de grupo pode ser utilizado para favorecer o desenvolvimento cognitivo, social e moral. Os jogos prestam-se particularmente bem ao desenvolvimento da cooperação: no jogo, a criança coopera voluntariamente (de uma maneira autónoma) com as outras, praticando as regras. Os jogos deste género exigem muita descentração e coordenação inter-individual e as crianças são motivadas a utilizar a sua inteligência para jogar bem”..

Considero que o jogo poderá ser encarado como estimulador de aprendizagens, mantendo sempre o carácter lúdico que lhe é característico.

21 de junho de 2011

Hoje, a manhã teve início com uma aula de Estudo do Meio dada por uma aluna do 2.º ano da Licenciatura. Esta consistia numa experiência sobre flutuabilidade.

Para realizar a experiência, a estagiária começou por colocar em cima de uma mesa de apoio dois recipientes de água, uma batata e uma maçã. Depois, introduziu os alimentos em cada um dos recipientes e verificou, em conjunto com as crianças, que a maçã flutua e a batata vai ao fundo. Referiu ainda que, seja de que tamanho for, a batata nunca flutua e para o comprovar, partiu a batata e a maçã em bocados e colocou-os novamente em cada um dos recipientes. Desta forma, concluíram que o facto de a maçã flutuar e a batata não, se deve à densidade dos mesmos.

Às 11h, os alunos dirigiram-se ao recreio onde estiveram até às 11h 20m.

De seguida, por volta das 11h 30m, acompanhados pelas professoras e estagiárias, os alunos do 1.º ciclo reuniram-se no Museu João de Deus para ouvir uma história contada pelo seu autor, o locutor e apresentador, António Sala.

Inferências e Fundamentação teórica

As atividades práticas experimentais fazem parte do currículo de ciências e permitem desenvolver nos alunos várias capacidades. Assim, Hudson, citado por Almeida (1998, p.43) afirma que: “qualquer estratégia de aprendizagem que exija num aluno uma atitude activa em vez de passiva, levando a aprender melhor com a experiência directa, pode ser designada por actividade prática”.

24 de junho de 2011

Hoje, os alunos dos 3.º e 4.º anos reuniram-se numa sala, onde estiveram a realizar atividades que nós, estagiárias, organizámos. Uma das atividades consistia em construir origamis.

Por volta das 11h dirigimo-nos ao recreio onde ficámos até às 13h. Durante este tempo em que estivemos no exterior, as crianças brincaram livremente.

Inferências

A construção de origamis permite desenvolver nos alunos habilidades artísticas necessárias na construção de capacidades espaciais. O Origami poderá ser utilizado em áreas como a Matemática e a Língua Portuguesa.

28 de junho de 2011

O dia de hoje foi dedicado aos jogos livres.

Inferências e Fundamentação teórica

O brincar livremente permite desenvolver nas crianças habilidades básicas e até mesmo adquirir novos conhecimentos através do processo de socialização. Segundo

Cordeiro (2010, p.334): “O jogo, especialmente na versão faz-de-conta, oposição e limite, e porventura também com os factores sorte e azar, ajudam a expressar e lidar com sentimentos”.

Este momento de brincadeira ao ar livre constitui uma forma de relaxamento, importante para a que as crianças se envolvam de forma mais positiva e construtiva quando regressam à sala de aula.

Para efeitos da elaboração deste relatório de estágio profissional, este foi o último dia a ser relatado.

Capítulo 2

Planificações

Neste capítulo serão apresentados os três planos de aula (Matemática, Língua Portuguesa, e Estudo do Meio), relativos às aulas lecionadas por mim. Conta também com o plano de aula relativo à Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional.

2.1. Fundamentação teórica

As planificações serão fundamentadas cientificamente e, seguiram o Modelo T de Aprendizagem proposto pelo Dr. Martiniano Pérez

A planificação é uma ferramenta essencial para a organização de conteúdos e relativos procedimentos pois, além de proporcionar inúmeros benefícios para os discentes também simplifica e torna mais fiável o trabalho do docente.

Se ponderamos e exigirmos uma escola centralizada nos interesses dos alunos e procurarmos simplificar e desmistificar as incertezas e inseguranças que persistem no seu imaginário, devemos reger todas as áreas temáticas em prol de uma organização bem estruturada e para chegarmos a esse fim é necessário um meio sólido que a planificação nos concede.

Zabalza (2000, p.48) afirma que planificar é: “(...) converter uma ideia ou um propósito num curso de acção.”

Clark e Yinger (1979), citado pelo autor atrás referido, baseando-se num estudo acerca das razões que conduzem o docente a planificar, distinguem três tipos de categorias:

“os que planificam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc.; os que chamam planificação à determinação dos objectivos a alcançar no termo do processo de instrução: que conteúdos deveriam de ser aprendidos para se saber que materiais deviam de ser preparados e que actividades teriam de ser organizadas, que distribuição do tempo, etc.; os que chamavam planificar às estratégias de actuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as actividades, que marcos de referência para a avaliação.” (idem, ibidem)

As planificações apresentadas neste capítulo e todas as outras que desde o início fizeram parte da minha organização para lecionar os conteúdos curriculares, foram baseadas num modelo adaptado do modelo original (Modelo T), apesar de Pérez (s/d)

estabelecer seis semanas como limite mínimo para uma planificação a curto prazo, conforme se pode ser no quadro 7 que apresentamos de seguida.

Quadro 7: Planificação baseada no Modelo T de aprendizagem

Conteúdos		Procedimentos	
Capacidades – Destrezas	Competências	Valores – Atitudes	

As planificações baseadas no Modelo T pretendem agrupar os objetivos fundamentais e complementares com conteúdos e métodos/atividades gerais numa visão genérica.

Ainda segundo o mesmo autor, (s.d., p.402),

“As capacidades – destrezas: indicam os objectivos fundamentais cognitivos (...) que queremos desenvolver; Os valores – atitudes: mostram os objectivos fundamentais afectivos que pretendemos desenvolver; Os conteúdos (conhecimentos): apresentam em três ou seis blocos de conteúdos ou blocos temáticos que se pretende aprender ao longo do ano escolar; os métodos/procedimentos: apresentam-se entre nove a doze métodos ou procedimentos gerais, como formas de fazer, para serem apreendidas no curso escolar”.

Nas planificações, as competências aparecem numa posição fulcral, entre as Capacidades/Destrezas e os Valores/Atitudes, pois serão obtidas de acordo com o progresso dos alunos.

Para o autor já citado, este tipo de planificações permite que o docente as elabore, de acordo com as necessidades dos alunos não sendo forçoso nem obrigatório que as inicie pelos conteúdos a lecionar.

2.2. Planificações Fundamentadas

2.2.1. Planificação da aula na área da Matemática

Conforme podemos ver no quadro 8 o principal conteúdo trabalhado nesta aula, incidiu nas áreas equivalentes. Esta ocorreu no dia 9 de novembro de 2010 e teve cerca de 50 minutos de duração.

Quadro: 8 Plano da aula na área da Matemática

Conteúdos	Procedimentos/ Métodos
<ul style="list-style-type: none"> Áreas equivalentes . 	<ul style="list-style-type: none"> Iniciar a aula com uma breve revisão sobre as noções de área e metro quadrado; Abordar o conteúdo através de material manipulável não-estruturado: Áreas equivalentes, medição de áreas; Rever as unidades de área do sistema métrico (unidade principal, múltiplos e submúltiplos); Resolver de exercícios de consolidação da matéria.
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Capacidade de classificação: <ul style="list-style-type: none"> - Identificar; - Comparar; ✓ Raciocínio lógico: <ul style="list-style-type: none"> -Concentração; -Relacionamento; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Respeito: <ul style="list-style-type: none"> - Saber ouvir; - Saber esperar; ✓ Cooperação: <ul style="list-style-type: none"> -Estar disponível -Ser dinâmico
Material: tabuleiros, ficha formativa e ficha informativa.	
Baseado no modelo T de Aprendizagem	O plano pode estar sujeito a alterações

A turma em questão, 4.º ano B, é constituída por 18 alunos, o que possibilitava trabalhar vários conteúdos, pensar várias estratégias e criar desafios que permitissem às crianças desenvolver várias competências.

De seguida, apresento os respetivos procedimentos fundamentados:

Iniciar a aula com uma breve revisão sobre as noções de área e metro quadrado; Antes de iniciar a aula, apelei aos conhecimentos anteriormente adquiridos por parte dos alunos tencionando valorizá-los.

Abordar o conteúdo através de material manipulável não-estruturado: Áreas equivalentes, medição de áreas; Construí material não-estruturado para a exploração deste conteúdo por achar pertinente que os alunos desenvolvam o conhecimento através de material manipulativo, quer seja estruturado ou não-estruturado. Cada aluno teria de criar no tabuleiro áreas equivalentes às que ia ditando e desenvolver as suas próprias criações. Segundo Caldeira, (2009, p.15) ” O material manipulativo, através de diferentes actividades, constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem.”

A criação de elementos próprios também foi um dos pontos fundamentais para o processo de aprendizagem das áreas equivalentes. Foi pedido a cada aluno que criassem de forma lúdica determinadas áreas de acordo com uma regra: o número de unidades de área. De acordo com Oliveira (2003) citado por Caldeira, (2009, p.50): “ (...) os jogos são estratégias que facilitam a auto-regulação cognitiva e afectiva, podendo ser utilizados nos mais diversos ambientes (...)”. Desta forma, achei pertinente a abordagem do conteúdo através da estratégia acima descrita de forma a abordar o conteúdo com uma dinâmica diferente.

Rever as unidades de área do sistema métrico (unidade principal, múltiplos e submúltiplos); Entre a manipulação do material e a consolidação da matéria através de exercícios, fui lembrado as unidades de área do sistema métrico a fim de desenvolverem um processo de aprendizagem coerente e estruturado.

Resolver exercícios de consolidação da matéria. Após ter abordado os pontos acima descritos, fiz uma pequena avaliação dos conhecimentos que achei fundamental que os alunos adquirissem. Autores como Ribeiro e Ribeiro (1989, p.348) “A avaliação formativa acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram a dificuldades, para que possa dar

remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à potencia desejada e ao sucesso das tarefas que realizam.” A avaliação é assim elementar para o professor aferir os conhecimentos adquiridos pelos alunos sobre os conteúdos programáticos.

2.2.2. Planificação da aula na área da Língua Portuguesa

Também no dia 9 de novembro e após a aula de Matemática, passei para esta área logo de seguida. No quadro 9 podemos verificar que o conteúdo a leccionar foi a pronominalização.

Quadro: 9 Plano da aula na área de Língua Portuguesa

Conteúdos	Procedimentos/ Métodos
<ul style="list-style-type: none"> • Pronominalização 	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar a aula com a apresentação da matéria através de suporte digital; • Reconhecer os pronomes pessoais com a função de sujeito, complemento directo e complemento indirecto; • Relacionar o conteúdo programático ao quotidiano de cada aluno; • Distribuir uma ficha formativa sobre a matéria a consolidar; • Leitura e compreensão de uma ficha informativa para estudo;
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Capacidade de denominar: <ul style="list-style-type: none"> - Identificar; - Observar; ✓ Capacidade de concentração: <ul style="list-style-type: none"> -Reconhecer; -Relacionar; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Respeito: <ul style="list-style-type: none"> - Saber estar; - Ter interesse; ✓ Cooperação: <ul style="list-style-type: none"> - Ser colaborador - Ser recetivo;
Material: Powerpoint, fichas formativas e informativas	
Baseado no modelo T de Aprendizagem	O plano pode estar sujeito a alterações

Iniciar a aula com a apresentação da matéria através de suporte digital; O recurso a este tipo de suporte, ajuda tanto o professor como o aluno, respectivamente, a ensinar e a aprender pois, segundo Silveira-Botelho (2009, p.124): “ O papel dos educadores é fundamental em vários aspectos. Para além do papel inicial do educador/professor na familiarização da criança com a tecnologia, o seu apoio continua sempre a ser fundamental, embora assumindo outras vertentes.”

Reconhecer os pronomes pessoais com a função de sujeito, complemento direto e complemento indireto; após a visualização do conteúdo programático através de suporte digital, foi pedido aos alunos que caracterizassem os pronomes pessoais com as funções acima descritas.

Relacionar o conteúdo programático ao quotidiano de cada aluno; foi pedido que os alunos interviessem em prol de valorizar e de enquadrar os conhecimentos anteriormente adquiridos. Deste modo, e de acordo com Sanches (2001, p.55)

“(…) para que as aprendizagens escolares aconteçam em situações o mais próximo possível do quotidiano dos alunos; para que possam ver a utilidade daquilo que aprendem. (...) Os alunos terão de ser os principais actores na construção do saber, interagindo com o próprio saber e com os outros intervenientes da situação em estudo.”

Esta estratégia de atuação na sala de aula é bastante utilizada nos Jardins-Escola João de Deus e, com grande receptividade por parte dos alunos. Desta forma, foi uma estratégia adotada por mim sempre que me foi possível.

Distribuir uma ficha formativa sobre a matéria a consolidar; É importante que o professor consiga aferir os conhecimentos que o aluno adquiriu com a nova matéria, tanto para o professor, que pode organizar novas estratégias de ensino, como para o aluno, que pode ter a percepção do que conseguiu instituir com a matéria, Assim, e segundo Zabalza (2000, p. 220),

“ Quando avaliamos fazemos uma medição (...) sem a medição, uma valorização isolada dá lugar a uma “opinião” subjectiva e não a uma avaliação. A mera percepção, o parecer do professor, não é o apoio suficiente realizar uma avaliação correta, que tem como um dos seus requisitos a fundamentação apoiada por dados, objectivos e subjectivos, mas suficientemente contrastados. Esse é o papel da “Medição”.”

Desta forma, optei pela consolidação da matéria através deste método de avaliação com vista a aferir os conhecimentos adquiridos pelos alunos e as suas principais dificuldades.

2.2.3. Planificação da aula na área de Estudo do Meio

Após o recreio, momento que os alunos adoram e precisam para descarregar energias e socializar com os colegas, subi com eles para a sala de aula.

Antes de entrarmos os alunos fizeram a higiene e, seguidamente,

Enquanto os alunos estavam no recreio, organizei o espaço da sala de aula, pois a minha estratégia assentava no trabalho em grupo. Desta forma não perderia tempo quando chegasse com a turma à sala de aula.

Dei início à aula que apresento no quadro 10.

Quadro10: Plano da aula na área do Estudo de Meio

Conteúdos	Procedimentos/ Métodos
<ul style="list-style-type: none"> Estados físicos da água 	<ul style="list-style-type: none"> Dividir a turma em grupos de 4 elementos; Iniciar a aula com a história “A gotinha de água Salpico” e, com base na história, despertar o interesse para os conteúdos a desenvolver; Transmitir aos alunos o processo de alteração do aspecto físico da água e o seu ciclo de ligação com base em suporte digital; Distribuir a cada grupo folhas A3 com o objectivo de caracterizarem os processos que levam aos estados físicos da água esquematizando-os; Apresentar à turma o trabalho que cada grupo desenvolveu; Distribuir uma ficha informativa da matéria abordada.
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Classificação: <ul style="list-style-type: none"> -Identificação; -Distinção; -Caracterização; Orientação espaço-tempo: <ul style="list-style-type: none"> -Reconhecimento -Explorar características 	<ul style="list-style-type: none"> Respeito: <ul style="list-style-type: none"> - Saber escutar; - Saber dialogar na sua vez; Solidariedade: <ul style="list-style-type: none"> - Partilhar; -Colaborar; -Tolerar;
<p>Material: história, power-point, folhas A3, ficha informativa.</p>	
<p>Plano baseado no modelo T de aprendizagem.</p>	<p>O plano pode estar sujeito a alterações</p>

Dividir a turma em grupos de 4 elementos; apelei ao trabalho em grupo com vista a desenvolver os valores e atitudes referidos no plano pois, os resultados desta prática podem compendiar-se segundo Freitas e Freitas (2003, p.21) na:

”melhoria das aprendizagens na escola; melhoria das relações interpessoais; melhoria da auto-estima; melhoria das competências no pensamento crítico; maior capacidade em aceitar as perspectivas dos outros; maior motivação intrínseca; maior número de atitudes positivas para com as disciplinas estudadas, a escola, os professores e os colegas; menos problemas disciplinares, dado existirem mais tentativas de resolução dos problemas de conflitos pessoais; aquisição das competências necessárias para trabalhar com os outros; menor tendência para faltar à escola.”

Assim, antes de iniciar a apresentação do conteúdo, dispus a turma de forma a apelar a este método de trabalho.

Iniciar a aula com a história “A gotinha de água Salpico” e, com base na história, despertar o interesse para os conteúdos a desenvolver; Apresentei o conteúdo com base nesta história, para desenvolver a interdisciplinaridade ou seja, recorrer à leitura em voz alta. É pertinente relacionar os conteúdos com outras matérias pois, de acordo com Sanches (2001, p.51): “Não podemos ter a gavetinha de cada um dos saberes bem fechadinha, só aberta para fazer o teste da dita disciplina. É a interdisciplinaridade, é o trabalho em equipa que proporcionam oportunidades de interacção e de partilha de saberes.”

Transmitir aos alunos o processo de alteração do aspeto físico da água e o seu ciclo de ligação com base num suporte digital; Para que a matéria não fosse abordada de uma forma abstrata e, recorrendo ao uso das T.I.C., apresentei o conteúdo em vídeo e dispositivo digital. Assim, e segundo Pires (2010, p.116)

“As tecnologias de Informação e Comunicação assumem um papel fundamental na construção de uma escola voltada para a formação de indivíduos capazes de construir o seu próprio conhecimento, e integradora de todos os alunos, considerando não só as suas necessidades individuais mas também a forma como constrói as suas aprendizagens.”

Desta maneira, e apelando à estimulação multissensorial, a percepção do conteúdo foi bastante inteligível já que, posteriormente, foi pedido aos alunos que fizessem um resumo do que tinha visualizado no dispositivo digital e, foi notória a interiorização do conteúdo por parte da maioria dos alunos. Os professores devem fazer uso de estimulação multissensorial pois, segundo Sanches (2001, p.105) “(...) não somos todos iguais. Uns têm melhor memória visual, outros melhor memória auditiva, outros tátil (...) o uso de diferentes formas de abordar a mesma temática vai permitir a cada um o seu melhor enquadramento, para além de tornar a aprendizagem muito mais divertida e motivadora.” Desta forma, o uso da estratégia adotada foi bastante positivo.

Distribuir a cada grupo folhas A3 com o objectivo de caracterizarem os processos que levam aos estados físicos da água esquematizando-os; Depois de interiorizado o conteúdo e, com vista a uma melhor e diferente estratégia de consolidação da matéria, foi solicitado aos alunos que esquematizassem o que visualizaram no dispositivo digital acima descrito.

Apresentar à turma o trabalho que cada grupo desenvolveu; Posteriormente, os alunos foram chamados a apresentar o trabalho que realizaram e a expô-lo à turma para que todos observassem o trabalho feito pelos colegas e para que cada um avaliasse o trabalho produzido. Segundo Freitas e Freitas (2003, p.34) “(...) Os alunos devem habituar-se a analisar os resultados, avaliando-os em permanência, através da reflexão sobre e sobre os objetivos que forem atingidos.” Desta forma, foi importante a apresentação e avaliação dos trabalhos elaborados, com vista a desenvolver a capacidade de reflexão, auto-análise e auto e heteroavaliação.

Distribuir uma ficha informativa da matéria abordada. De forma a ser incluído no dossier individual um suporte escrito para futuramente poderem estudar a matéria apreendida, entreguei a cada aluno um documento preparado por mim.

2.2.4. Planificação da Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional

Estas aulas fazem parte de uma das componentes de avaliação desta unidade curricular. As mesmas são assistidas por dois professores da Escola Superior de Educação João de Deus e pela professora titular da turma, que atribuem uma classificação no final da mesma.

Em virtude, de já terem sido alvo de avaliação, apenas as apresentarei. No entanto, e antes de o fazer, considero ser pertinente referir que os aspetos positivos foram: boa relação com os alunos, boa gestão de tempo, tema interessante e apelativo e bom ritmo de prova.

Os aspetos a melhorar incidiram principalmente no nervosismo demonstrado nos primeiros minutos da prova e que o material de apoio à área de Língua Portuguesa devia estar com palavras separadas (em cada etiqueta apenas uma palavra).

Ditou o sorteio que esta fosse realizada no 2.º ano B às 9h 15m. De forma a manter os alunos interessados, motivados e a realizarem várias descobertas, pensei num tema que permitisse fazer interdisciplinaridade – A erosão marinha.

Por ter optado por elaborar apenas um plano, decidi que o mesmo devia ser impresso com três cores distintas, representando cada uma delas uma área.

Assim, a área de Língua Portuguesa está identificada com a cor azul; a área da Matemática com a cor castanha; a área do Estudo do Meio com a cor verde, e a área do jogo com a cor roxa.

Apresentamos de seguida no quadro 11 o respetivo plano.

Quadro 11: Plano da aula de Avaliação Profissional

Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem		O plano pode estar sujeito a alterações	
Conteúdos		Procedimentos/ Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> • Texto: “A ação do mar” Leitura e análise; • Erosão marinha; • 5.º Dom de Froebel: Construção “Vivendas em banda.” • Jogo: “Erosão marinha”; 		<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar a aula com a leitura e interpretação do texto “A ação do mar.” • Analisar os constituintes de uma frase; • Explorar, com base no texto e no visionamento de um dispositivo em datashow, a erosão marinha; • Construir as “Vivendas em banda” através do 5.º Dom de Froebel; • Resolver situações problemáticas não rotineiras através de objetos manipuláveis não-estruturados; • Agrupar os alunos em duas equipas para adquirirem o maior número de seixos que se encontram misturados com água e areia em duas piscinas; • Contar os seixos que cada equipa obteve no tempo estipulado. 	
Competências			
Capacidades / Destrezas		Valores / Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Capacidade de comunicar: <ul style="list-style-type: none"> - Interpretar; - Identificar; ✓ Capacidade de concentração: <ul style="list-style-type: none"> -Decifrar; -Relacionar; 		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Respeito: <ul style="list-style-type: none"> - Saber estar; - Ter interesse; ✓ Cooperação: <ul style="list-style-type: none"> - Ser colaborador - Ser recetivo; 	
Material: Datashow, texto, 5.º Dom de Froebel, material manipulativo, piscinas, areia e seixos.			

Gostei muito de lecionar estas aulas, e os alunos foram fantásticos no decorrer das mesmas, apoiando-me e colaborando durante toda a prova.

Com a elaboração deste capítulo e de todas as outras aulas que planifiquei ao longo do estágio (cerca de vinte e quatro) aprendi bastante em vários aspetos: pensar no espaço da sala; preparar o material; gerir o tempo; adequar os conteúdos aos alunos em questão; e adaptá-los ao ritmo de aprendizagem dos alunos.

Segundo as Orientações Curriculares, planificar “é condição para que a educação escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas que contribuem para uma maior igualdade de oportunidades” (Ministério da Educação, 1997, p. 26).

Zabalza (2000) defende, que quando planificamos, temos como metas as nossas previsões, desejos e aspirações, explícitas num projeto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo um plano para as concretizar.

Das inúmeras leituras realizadas constatei, que a maioria dos autores da área da educação afirmam que planificar é um ato fundamental ao longo de todo o processo educativo. É essencial que o professor planeie as suas aulas de acordo com a turma que tem à sua frente, não esquecendo que cada aluno é um ser individual, com dificuldades e facilidades distintas dos outros.

Por esta razão, torna-se muito pertinente que neste relatório se inclua um capítulo dedicado aos dispositivos de avaliação, pois planificar e avaliar depois o que fizemos, permite desenvolver nos alunos as capacidades e destrezas, os valores e as atitudes necessárias para um desenvolvimento integral e harmonioso.

Capítulo 3
Dispositivos de Avaliação

Neste capítulo serão apresentados os dispositivos de avaliação das áreas de Matemática, de Língua Portuguesa e de Estudo do Meio. Para cada um deles, foi realizada uma grelha de avaliação com os parâmetros, critérios e respetiva escala de cotação, e por fim serão apresentados os resultados em gráfico e uma breve análise conclusiva.

3.1 Fundamentação teórica

A maioria dos autores considera que a avaliação é um elemento essencial no ensino. Por isso, quer-se que a avaliação das aprendizagens obedeça a critérios iguais e com oportunidades de êxito para todos os alunos. Possui um papel fundamental enquanto elemento estruturante e estruturador das aprendizagens e é uma realidade constante no ambiente escolar devido à sua grande importância na formação do aluno.

A avaliação do ensino deve estar presente ao longo do processo ensino-aprendizagem e não apenas em momentos específicos. O professor porém tem de ter de estar consciencializado para o eventual facto de que na avaliação podem ser cometidos erros pois, não há nenhum modelo estandardizado de estratégias ou instrumento que permita ao docente avaliar com precisão as aprendizagens ou pontos que são fundamentais que o aluno adquira. Para Fernandes (2005, p.81): “não é fácil garantir que a avaliação abranja todos os domínios do currículo ou mesmo o essencial de cada um dos domínios”.

De acordo com Cortesão (1993, p.44) a avaliação tem três tipos de funções: diagnóstica, formativa e sumativa:

A função diagnóstica da avaliação tem como objetivo aprofundar o conhecimento anteriormente adquirido por parte dos alunos e sensibilizar o docente para as dificuldades dos alunos, assim como os conhecimentos que foram bem consolidados.

No que diz respeito à avaliação formativa esta tem como objetivo um conjunto de estratégias diversificadas que estão inerentes no processo ensino-aprendizagem e visam a melhor aprendizagem curricularmente estabelecida.

A avaliação sumativa compreende a formulação de uma síntese das informações recolhidas sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências definidas para cada área curricular. Esta está focalizada na evolução das aprendizagens e competências adquiridas por parte dos alunos. Ainda para este autor: “a avaliação sumativa envolve conclusões sobre o mérito e o valor de um processo já completo ou estabilizado, sendo utilizada para seleccionar e responsabilizar” (p.44)

Existem diversas práticas de registo de informação da avaliação, as grelhas de avaliação por sua vez são um elemento bastante utilizado por parte dos docentes e constituem um suporte da avaliação que permite construir, de forma objetiva, lógica e funcional, a avaliação dos conhecimentos dos alunos sobre um determinado conteúdo programático. Para Leite et al. (2002, p. 60), as grelhas de avaliação proporcionam a “reflexão atenta das práticas [o que] permite melhoramentos contínuos. Deste modo, os dispositivos de avaliação possibilitam ao docente uma maior elucidação dos objetivos dos trabalhos a avaliar nos alunos.

3.2. Dispositivo de avaliação da atividade de Matemática

3.2.1. Contextualização da atividade

No período que estagiei no 3.º ano B e, durante uma manhã de aulas, abordei na área de Matemática o conteúdo das áreas equivalentes. Deste modo, optei pelo material Cuisenaire como estratégia para esta abordagem. A atividade foi realizada com todos os alunos presentes no contexto sala de aula e teve a duração de 50 minutos.

Esta avaliação foi feita no decorrer da atividade uma vez que, a utilização do material manipulativo é por sua vez uma boa alternativa ao lápis e papel ou às fichas escritas. Embora para mim, como avaliadora, seja mais difícil fazê-lo, pois enquanto circulava pela sala e colocava perguntas dirigidas aos alunos ia tomando nota dos parâmetros que pretendia avaliar, ou seja, a identificação das peças do Cuisenaire, realização das construções com a concretização das situações pedidas.

3.2.2. Descrição da escala de avaliação, parâmetros e critérios

Seguidamente apresento o quadro 12 com a escala de avaliação utilizada (tipo Likert) para a avaliação desta atividade.

Quadro 12: Escala de avaliação utilizada

Avaliação quantitativa	Avaliação qualitativa
0 – 2,9	Fraco
3 – 4,9	Insuficiente
5 – 6,9	Suficiente
7 – 8,9	Bom
9 – 10	Muito Bom

O quadro 12 mostra o valor qualitativo e quantitativo, que o aluno irá obter, consoante a cotação atribuída. Desta forma se a cotação for menor que 2,9 valores, o aluno, na execução da atividade, terá a avaliação de Fraco. Se a cotação estiver compreendida entre os 3 e os 4,9 valores, a cotação da execução da atividade será de Insuficiente. Todavia, se a sua cotação for superior a 5 e inferior a 7 valores será avaliado qualitativamente como Suficiente no seu desempenho. A classificação de Bom está compreendida entre os 7 e os 8,9 valores. E, como nota máxima, se o aluno se situar entre os 9 e 10 valores, o seu valor qualitativo é de Muito Bom.

Esta escala de avaliação foi utilizada nos três dispositivos de avaliação que apresentarei neste capítulo.

No quadro 13 apresento os parâmetros, critérios e cotação que serviram de base a esta atividade.

Quadro 13 – Apresentação dos parâmetros, critérios e cotações

Parâmetros	Critérios	Cotação	
Identificação das peças do Cuisenaire	Identificou todas as peças	2	2 Valores
	Identificou 8 peças	1,5	
	Identificou 5 peças	1	
	Identificou 2 peças	0,8	
	Identificou 1 peça	0,5	
	Não identificou nenhuma peça	0	
Realização das construções de áreas equivalentes	Realizou todas as construções	5	5 Valores
	Realizou 4 construções	4	
	Realizou 3 construções	3	
	Realizou 2 construções	2	
	Realizou 1 construções	1	
	Não realizou nenhuma construção	0	
Concretização da atividade	Teve facilidade em realizar as atividades	3	3 Valores
	Teve alguma dificuldade em realizar as atividades	2	
	Teve muita dificuldade em realizaras atividades	1	
	Não realizou nenhuma atividade	0	
Total:		10 Valores	

3.2.3. Grelha de avaliação da atividade da área da Matemática

No quadro 14, podemos verificar de uma forma rápida e clara os critérios e respetivos resultados obtidos pelos vinte e sete alunos presentes. Os registos foram realizados por mim no decorrer da atividade.

Quadro14: Grelha de avaliação da área de Matemática

Alunos	Parâmetros															Cotação	
	Identificação das peças					Realização das construções					Concretização das atividades						
	Identificam todas as peças	Identificam as peças	Identificam cada peça	Identificam duas peças	Identificam uma peça	Não identificam nenhuma peça	Realizam todas as construções	Realizam quatro construções	Realizam três construções	Realizam duas construções	Realizam uma construção	Realizam nenhuma construção	Têm alguma dificuldade nas construções	Têm alguma dificuldade nas construções	Têm alguma dificuldade nas construções		Não conseguem a atividade
1	2						5						3				10
2	2						5						3				10
3	2									2			3				8
4	2						5						3				10
5	2									2			3				7
6	2									3			3				8
7	2									3			3				8
8	2									2			3				7
9	2							4					3				9
10	2						3						3				10
11	2						3						3				10
12	2	1,5								2			3				6,5
13	2						5						3				10
14	2						5						3				10
15	2									2			3				8
16	2									2			3				7
17	2									2			3				7
18	2									2			3				7
19	2									3			3				8
20	2						5						3				10
21	2					1							2		2		5
22	2							4					3				9
23	2						5						3				10
24	2							4					3				9
25	2						5						3				10
26	2							4					3				9
27	2							4					3				9

Vinte e cinco alunos identificaram todas as peças do Cuisenaire, o aluno (12) identificou sete peças enquanto que o aluno (21) apenas identificou metade das peças que constituem o material.

No que diz respeito à realização das construções, dez alunos realizaram todas as construções propostas, cinco alunos (9, 22, 24, 26 e 27) realizaram quatro construções e, o mesmo número de alunos (3, 6, 7, e 19), concretizaram três das construções sugeridas. Com apenas duas construções feitas registam-se sete alunos (5, 8, 12, 16, 17, 18 e 21). É de salientar que duas construções foi o mínimo registado.

Na concretização da atividade podemos afirmar num universo de vinte e sete alunos apenas um (21) teve alguma dificuldade, os restantes tiveram facilidade quer a manipular o material, quer a entender o que lhes tinha sido solicitado.

3.2.4. Apresentação e análise dos resultados em gráfico

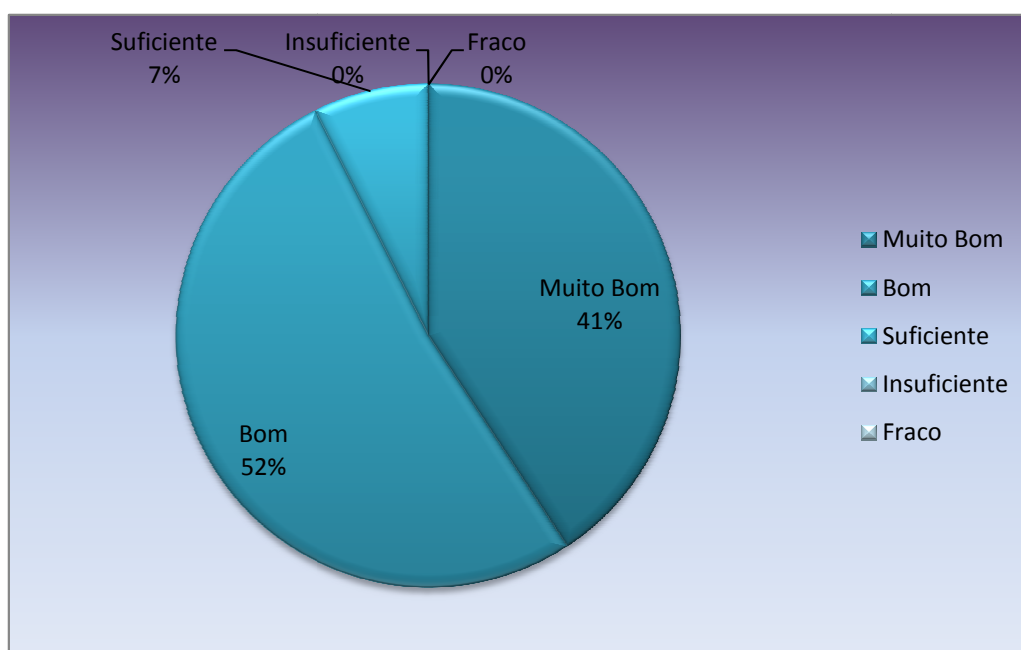


Figura 6 – Gráfico dos resultados da Matemática

Tendo em conta o gráfico circular acima apresentado (figura 6), podemos certificar que num total de vinte e sete alunos, onze alunos atingiram a classificação qualitativa de Muito Bom, catorze alunos atingiram a classificação qualitativa de Bom e apenas dois alunos obtiveram

Suficiente como resultado do seu desempenho. Nesta atividade não houve registos de classificação Insuficiente ou Fraco como nos mostra a figura acima apresentada. A média das classificações é de 8,57 valores.

Ao analisarmos este gráfico, podemos comprovar que a turma revelou ter um bom domínio na manipulação deste material e que interiorizou o conteúdo abordado. Nenhum aluno foi classificado no desempenho desta atividade com nota de Insuficiente ou Fraco.

À exceção de um aluno, todos os outros conseguiram concretizar a atividade proposta para avaliação sem qualquer tipo de ajuda embora, apenas dez alunos num universo de vinte e sete conseguiram realizar todas as construções que foram propostas para execução.

Em relação ao aluno com maior dificuldade é necessária uma maior atenção e um apoio mais direcionado para que, de futuro, este aluno possa progredir e atingir um nível mais satisfatório de desempenho.

Para terminar esta análise, gostaria de lembrar que este conteúdo ainda não tinha sido trabalhado este ano, e ainda referir que os alunos demonstraram muito prazer e facilidade na manipulação deste material e das descobertas que fizeram.

3.3. Dispositivo de avaliação da atividade de Língua Portuguesa

3.3.1. Contextualização da atividade

Na mesma manhã, abordei na área de Língua Portuguesa o conteúdo de palavras derivadas por prefixação e sufixação. Deste modo, optei por fazer a apresentação do mesmo em dispositivo digital com as definições dos conteúdos e respetiva exemplificação. A atividade foi realizada com todos os alunos presentes no contexto de sala de aula e teve a duração de 50 minutos.

Esta avaliação foi feita de uma forma lúdica ou seja, para aferir os conhecimentos dos alunos em relação à matéria recorri a um “Bingo de Palavras” que consistia em formarem novas palavras através do radical que ia saindo em sorte. Cada aluno dispunha de uma ficha onde registava as suas palavras. Exemplifiquemos: na palavra *feliz* o aluno podia completar a sua ficha com a derivação por prefixação *infeliz* por sufixação *felizmente* ou por prefixação e sufixação

infelizmente. A ficha formativa estava dividida da forma como seguidamente irei apresentar no quadro 15.

Quadro 15: Exemplificação da proposta de registo da área de Língua Portuguesa

Radical	Palavra derivada por prefixação	Palavra derivada por sufixação	Palavra derivada por prefixação e sufixação
feito	desfeito		
feliz	infeliz	felizmente	infelizmente

Desta forma, e enquanto ia saindo o radical de várias palavras os alunos teriam de completar um quadro semelhante a este. A avaliação consistia em aferir se os alunos conseguiam através do radical formar uma nova palavra contudo, existiam radicais que não formavam palavras que contassem com prefixos, sufixos ou ambas.

A título de curiosidade posso referir que quando surgiu a palavra *feliz*, vários alunos, pensando no exemplo anterior que era o radical *feito*, formando a palavra *desfeito*, quiseram aplicar o prefixo *des* nesta palavra. Neste momento, e como tomei consciência de que poderiam existir algumas dúvidas na explicação do conteúdo, fiz uma pausa no jogo para uma nova explicação da matéria. Posteriormente, continuaram o jogo e foi notória a maior facilidade que os alunos tiveram em formar corretamente as palavras no decorrer da atividade.

3.3.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações

Apresentamos de seguida, no quadro 16 os parâmetros, critérios e cotação que serviram de base a esta atividade.

Quadro 16 – Apresentação dos parâmetros, critérios e cotações

Parâmetros	Critérios	Cotação	
Palavras derivadas por sufixação	Formou todas as palavras	2	2 Valores
	Formou 4 palavras	1,5	
	Formou 3 palavras	1	
	Formou 2 palavras	0,8	
	Formou 1 palavra	0,5	
	Não formou nenhuma palavra	0	
Palavras derivadas por prefixação	Formou todas as palavras	5	5 Valores
	Formou 4 palavras	4	
	Formou 3 palavras	3	
	Formou 2 palavras	2	
	Formou 1 palavra	1	
	Não formou nenhuma palavra	0	
Palavras derivadas por prefixação e sufixação	Formou 3 palavras	3	3 Valores
	Formou 2 palavras	2	
	Formou 1 palavra	1	
	Não formou nenhuma palavra	0	
Total:			10 Valores

3.3.3. Grelha de avaliação da atividade na área de Língua Portuguesa

Na grelha de avaliação, quadro 17, podemos verificar de uma forma pormenorizada os critérios e respetivos resultados obtidos pelos vinte e sete alunos presentes. Os registos foram realizados por mim na correção da proposta de trabalho.

Quadro17 – Grelha de correção da área de Língua Portuguesa

Aluno		Parâmetros / Critérios												Total				
		Palavras detetadas por ortografia				Palavras detetadas por pontuação				Palavras detetadas por construção e sintaxe								
1	2	Formas corretas	Formas incorretas	Formas corretas	Formas incorretas	Formas corretas	Formas incorretas	Formas corretas	Formas incorretas	Formas corretas	Formas incorretas	Formas corretas	Formas incorretas	Formas corretas	Formas incorretas	Formas corretas	Formas incorretas	
1	U																	15
2	U																	15
3	U																	15
4	?																	3
5	U																	15
6																		3
7																		3
8																		4
9																		5
10																		5
11	?																	10
12																		15
13	?																	10
14																		1
15																		15
16																		15
17	U																	15
18	?																	3
19																		15
20	?																	7
21																		5
22																		5
23	U																	15
24	?																	3
25	?																	3
26																		1
27																		15

Conforme podemos verificar na grelha, quadro 17 , no parâmetro – palavras derivadas por sufixação – obtiveram-se os seguintes resultados:

- Os alunos (4, 11, 13, 18, 20, 24 e 25), num total de sete, conseguiram formar todas as palavras;
- Seis alunos (1, 2, 3, 5, 17, e 23) conseguiram formar quatro palavras;
- Nove alunos (6, 7, 8, 9, 10, 14, 21, 22 e 26) conseguiram formar três palavras;
- Os alunos (12, 15, e 27) apenas conseguiram formar duas palavras;
- Dois alunos (16 e 19) só conseguiram formar uma palavra.

Na análise do segundo parâmetro – palavras derivadas por prefixação – verifiquei o seguinte:

- Cinco alunos (11, 13, 19, 24 e 25) conseguiram formar o total das palavras propostas;
- Seis alunos (1, 2, 4, 10, 18 e 20) conseguiram formar quatro palavras;
- Seis alunos (3, 9, 12, 17, 21 e 22) conseguiram formar três palavras;
- Seis alunos (6, 8, 14, 16, 23 e 27) conseguiram formar duas palavras;
- Três alunos (5, 15, e 26) conseguiram formar apenas uma palavra;
- O aluno (7) não conseguiu formar nenhuma palavra.

Na análise do terceiro parâmetro – palavras derivadas por prefixação e sufixação – verifiquei as seguintes situações:

- Os alunos (11, 13 e 18), num total de três conseguiram formar todas as palavras;
- Treze alunos (1, 2, 4, 7, 9, 12, 17, 19, 21, 22, 23, 24, e 25) conseguiram formar duas palavras;
- Sete alunos (3, 5, 8, 10, 14, 20 e 27) conseguiram formar uma palavra;
- Quatro alunos (6, 15, 16 e 26) não conseguiram formar nenhuma palavra.

Realizando agora, uma leitura por aluno, podemos constatar que os alunos (10 e 12) atingiram a classificação máxima e os alunos (6, 7, 15, 16 e 26) obtiveram uma classificação reduzida.

Posso ainda concluir que o primeiro parâmetro foi aquele onde os resultados foram mais satisfatórios. Tendo consciência que a formação de palavras derivadas por sufixação são aquelas mais fáceis de formar, optei por atribuir uma cotação mais reduzida. Sei também que a estratégia escolhida foi acertada e motivadora mas reconheço que a assimilação e interiorização deste conteúdo não termina aqui.

3.3.4. Apresentação e análise dos resultados em gráfico

Na figura 7, correspondente à análise dos resultados do dispositivo de avaliação da área de Língua Portuguesa, podemos verificar que 7% (2 alunos) atingiram a classificação de Fraco; 22% (6 alunos) atingiram a classificação de Insuficiente; 37% (10 alunos) conseguiram obter a classificação de Suficiente; 19% (5 alunos) obtiveram a classificação de Bom; e por último, 15% (4 alunos) obtiveram a classificação de Muito Bom.

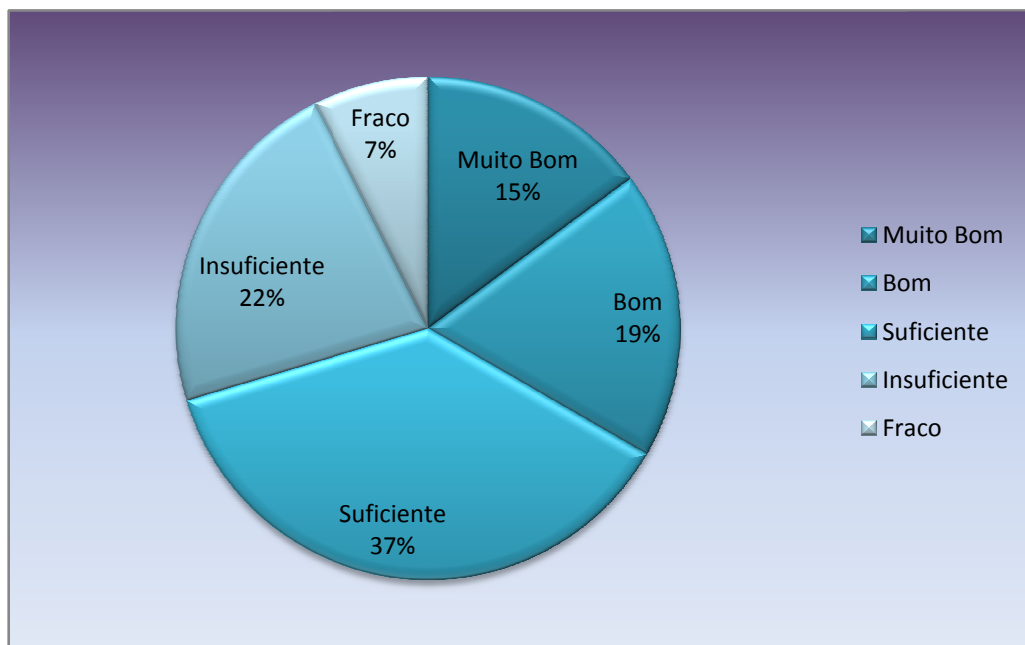


Figura 7: Apresentação do gráfico da atividade de Língua Portuguesa

Desta forma, posso concluir que uma maioria significativa dos alunos (19 alunos) obtiveram uma classificação positiva. Oito alunos (29%) não atingiram os objetivos pretendidos nesta atividade. Devo estar atenta e promover junto destes a realização de novos exercícios (orais e escritos) por forma, a ajudá-los a superarem estas dificuldades.

Na preparação desta aula, e como estagiária, de facto, valorizei mais o tipo de estratégia, ou seja, que fosse lúdica, diferente do habitual, tipo o jogo do Bingo, pois sabia que os iria motivar e desta forma prender a atenção, e não valorizei de igual maneira a avaliação que deveria realizar para efeitos deste relatório. Posso ainda referir que a minha avaliação e a da professora da sala sobre a forma como a aula decorreu foi bastante positiva e o interesse que os alunos manifestaram durante a mesma também foi muito significativo.

3.4. Dispositivo de avaliação da atividade de Estudo do Meio

3.4.1. Contextualização da atividade

No período que estagiei no 4.º ano B e, durante uma manhã de aulas, abordei na área de Estudo do Meio o conteúdo sobre os estados físico da água e suas mudanças. Comecei por ler uma história que abordava o conteúdo para apelar ao interesse dos alunos. Posteriormente, a apresentação do conteúdo foi feita em dispositivo digital com as definições dos conteúdos e a exemplificação dos mesmos e com um vídeo sobre as alterações físicas da água.

No final da mesma, e utilizando a água, procedi à exemplificação destas transformações. Para proceder à avaliação elaborei uma proposta de trabalho – em esquema - para os alunos preencherem de acordo com o que tinham aprendido. Os processos/transformações abordados na aula foram os seguintes : evaporação, solidificação, condensação, sublimação e fusão.

A atividade foi realizada com dezoito alunos. Com os presentes realizei na sala de aula esta atividade, e a mesma teve a duração de 50 minutos.

3.4.2. Grelha de avaliação da atividade de Estudo do Meio

No quadro 18 apresentamos os parâmetros, critérios e cotação que serviram de base a esta atividade.

Quadro18 – Apresentação dos parâmetros, critérios e cotações

Parâmetros	Critérios	Cotação	
Identificação do estado físico - líquido e suas transformações	Identificou todos os processos corretamente	3	3 Valores
	Não identificou todos os processos corretamente	1	
	Não identificou nenhum processo corretamente	0	
Identificação do estado físico - gasoso e suas transformações	Identificou todos os processos corretamente	3	3 Valores
	Não identificou todos os processos corretamente	1	
	Não identificou nenhum processo corretamente	0	
Identificação do estado físico - sólido e suas transformações	Identificou todos os processos corretamente	4	4 Valores
	Não identificou todos os processos corretamente	2	
	Não identificou nenhum processo corretamente	0	
Total:		10 Valores	

3.4.3. Grelha de avaliação da atividade da área de Estudo do Meio

Na grelha de avaliação, quadro 19, podemos verificar de uma forma rápida os critérios e respectivos resultados obtidos pelos vinte e sete alunos presentes. Os registos foram realizados por mim na correção da proposta de trabalho

Quadro 19 – Grelha de correção da atividade da área de Estudo do Meio

Alunos	Estado líquido e as suas transformações			Estado gasoso e as suas transformações			Estado sólido e as suas transformações			Criação
	Identificou todas as características comparativamente	Identificou as diferenças incorretamente	Identificou incorretamente todas as características	Identificou todas as características corretamente	Identificou algumas características incorretamente	Identificou incorretamente as características	Identificou incorretamente todas as características	Identificou algumas características incorretamente	Identificou incorretamente todas as características	
1	3			3			4			10
2	3			3			4			10
3	3			3			4			10
4	3			3			4	2		8
5	3			3			4			10
6	3			3			4	2		8
7	3			3			4			10
8	3			3			4	2		8
9	3			3			4			10
10	3			3	1		4			8
11	3			3			4			10
12	3	1		3	1		4			6
13	3			3			4	2		8
14	3			3			4			10
15	3	1		3			4			8
16	3			3			4	2		8
17	3	1		3			4			8
18	3			3			4	2		8

Como já foi referido atrás, apenas dezoito alunos participaram nesta atividade. A avaliação da grelha mostra-nos que a maioria dos alunos atingiram os objetivos pretendidos em todos os parâmetros.

No primeiro parâmetro, dois alunos (12, 15 e 17) não conseguiram identificar corretamente o processo denominado solidificação.

No segundo parâmetro, os alunos (10 e 12) não entenderam o processo de condensação.

E por fim, no terceiro parâmetro, os alunos (4, 6, 8, 14 e 18) não entenderam o processo de fusão.

Posso concluir que a maioria da turma entendeu estes conceitos e que o preenchimento da ficha (tipo esquema), figura 8 foi realizado sem dificuldades, de forma cuidada e correta.

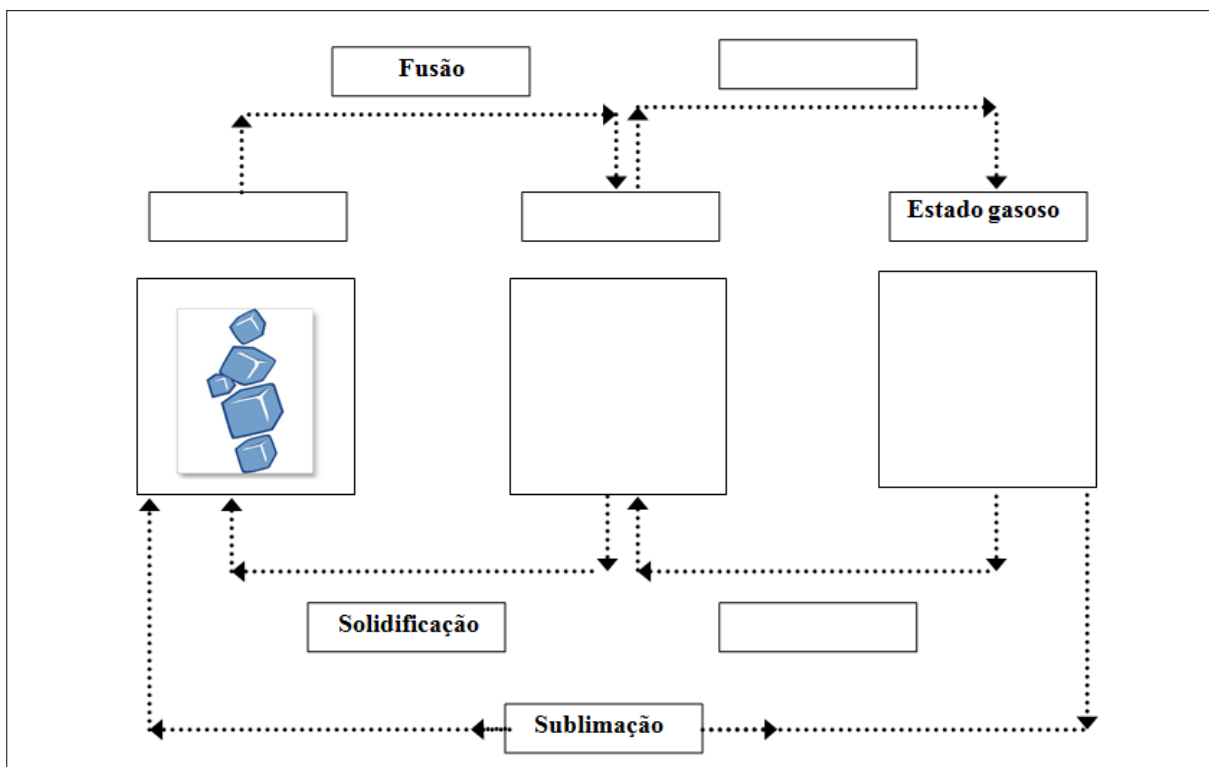


Figura 8: Esquema da ficha

3.4.4. Apresentação e análise dos resultados da atividade de Estudo do Meio

Conforme podemos verificar na figura 9, os resultados obtidos situaram-se nos valores positivos.

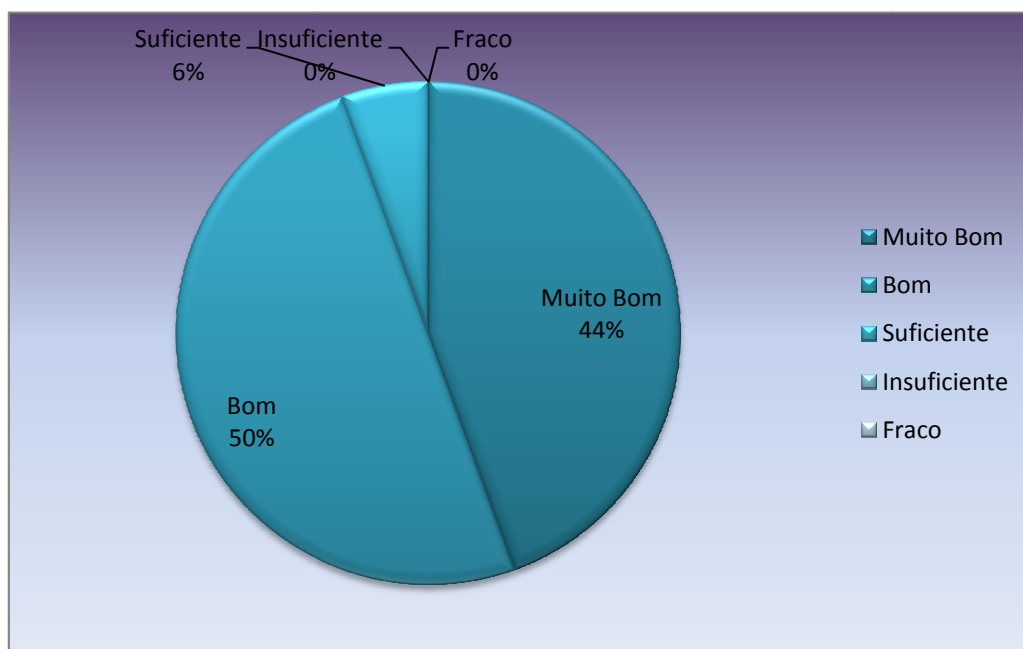


Figura 9 – Gráfico dos resultados da grelha de avaliação

Da leitura deste gráfico concluímos que 11% dos alunos (1) obteve a classificação de Suficiente; 47% (9) obtiveram a classificação final de Bom; e por ultimo 42% dos alunos (8) obtiveram a classificação de Muito Bom.

Desta forma podemos referir que uma maioria significativa dos alunos (87%) realizou sem dificuldades e com sucesso este esquema.

Em virtude de conhecer esta turma, em termos de conhecimentos e desempenho, posso referir que esta análise não me surpreende e que o grau de dificuldade deveria ter sido maior.

Em jeito de conclusão, os alunos do Jardim-Escola desde o Pré-Escolar que trabalham o tema da água, gostando sempre muito das abordagens que são realizadas.

Nos programas e orientações curriculares é defendido por vários autores que a criança tem de explorar o mundo que a cerca e tirar dele informações que lhe são necessárias, sendo da responsabilidade do educador/professor, proporcionar-lhe o maior número possível de atividades, materiais, e oportunidades de situações para que as suas experiências sejam enriquecedoras, contribuindo para a construção do seu conhecimento.

Para além do que ficou nos registos escritos também posso afirmar que os alunos revelaram ter muitos conhecimentos sobre o tema e manifestaram durante a aula uma grande preocupação ambiental tendo, no geral, referido como ideia principal que *a água é um tesouro* e que a devemos saber utilizar.

Assim sendo, os dispositivos de avaliação que apresentei neste capítulo assentaram em estratégias criativas onde o material utilizado permitisse uma efetiva descoberta por parte dos alunos. Considero que foi uma experiência trabalhosa mas muito gratificante apesar da deficiente formação que tinha nesta área.

Passar de avaliada a avaliadora, depois de tantos anos de vida académica, não foi uma tarefa fácil mas foi bastante enriquecedora e sinto que ainda tenho um longo caminho a percorrer por forma a tornar-me uma profissional consciente e responsável.

Capítulo 4

Reflexões Finais

A realização deste estágio foi muito significativa, porque tomei contacto com as vivências das crianças em contexto escolar e com a realidade dos Jardins-Escolas João de Deus por onde passei. Creio que, com esta possibilidade, a preparação para o meu exercício futuro da profissão docente foi efetivamente feita.

O exercício da atividade profissional sem uma preparação como a que tive neste Mestrado é, para mim, impensável. Embora tenha conhecimento de colegas de outras escolas de formação de professores que, começam a exercê-la sem qualquer tipo de experiência de Prática Pedagógica, acho impensável que conseguisse exercer a futura profissão sem estar familiarizada com planificações, reflexões, reuniões pedagógicas e, principalmente, com o facto de nunca ter leccionado uma aula.

A Escola Superior de Educação conta, para mim, com um grupo de profissionais muito coeso e formidavelmente aptos a ajudarem-nos no exercício desta prática. Qualquer professor, mesmo não pertencendo à equipa da Prática Pedagógica, mostra sempre disponibilidade em ajudar os alunos em formação permitindo assim que as aulas que preparamos sejam dotadas de estratégias diversificadas e dos melhores fundamentos científicos.

A Prática Pedagógica foi, sem dúvida, indispensável para tomar consciência da realidade, adquirir conhecimentos e desenvolver competências práticas.

É nos estágios que os alunos em formação tomam consciência da realidade da Prática Pedagógica. Tal como referem Ponte e Serrazina (2000, p. 38): (...) não basta ao professor conhecer teorias, perspectivas e resultados da investigação. Tem de ser capaz de construir soluções adequadas, para os diversos aspectos da sua ação profissional, requer não só a capacidade de mobilização e articulação de conhecimentos teóricos, mas também a capacidade de lidar com situações práticas, com as quais contacta pela primeira vez nesse importante ano de formação.”

Formosinho (2001, p.50) caracteriza a Prática Pedagógica como “a componente curricular da formação de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável”.

Segundo Korthagen, citado em Flores e Simão (2009, p. 48-49): (...) os alunos futuros professores reflectem sobre o seu pensamento, sentimento, desejo e acção sobre os mesmos aspectos nos seus alunos. O objectivo desta reflexão é torná-los mais conscientes sobre a forma como são orientados por alguns sinais durante o seu ensino, incluindo sinais vindos de dentro da pessoa, tais como sentimentos de irritação ou de precipitação (...). O estágio é também imprescindível para a construção da identidade profissional do docente.

A nossa abordagem de reflexão tenta também promover o desenvolvimento da tomada de consciência sobre estes aspectos implícitos, uma vez que acreditamos que têm, frequentemente, um impacto muito maior sobre os comportamentos dos alunos futuros professores do que as teorias a que foram expostos na formação de professores. Além disso, consideramos o desenvolvimento de uma tomada de consciência dos sentimentos como um pré-requisito necessário para se tornar um professor empático).

Além disso, em termos da minha prática letiva, no decorrer do estágio foram-me pedidas aulas surpresa. Apesar de terem sido pedidas apenas duas aulas (nas áreas da Língua Portuguesa e de Matemática), na minha opinião, estas aulas não são pertinentes. Ao longo do curso, tenho vindo a aprender que as aulas devem ser planeadas e planificadas com antecedência. Todos os autores consultados são unânimes nessa opinião. No entanto, entendo que num futuro próximo devo ter capacidade para improvisar e que, o que me foi pedido não era difícil mas ainda não me sentia preparada

A Prática Pedagógica, a meu ver, não devia terminar em simultâneo com as aulas na Escola Superior, pois existe uma grande dificuldade em conseguir conciliar as aulas e avaliações com o término do Relatório de Estágio Profissional. Conforme é visível no Cronograma apresentado na página 7 do presente Relatório, a Prática Pedagógica, a observação de aulas, as aulas programadas (que remetiam para elaboração de materiais), as aulas surpresa, as pesquisas bibliográficas e elaboração do presente Relatório ocupam a maior parte dos dias, sobrando, assim, muito pouco tempo para estudar e realizar trabalhos para as avaliações na Escola Superior.

De todo o modo, todos estes pontos menos positivos foram ultrapassados pelo enriquecimento que o estágio me trouxe. Estou consciente de que o estágio acabou por me proporcionar um conhecimento prático das situações que podem eventualmente ocorrer na minha vida profissional futura, incentivando-me a uma reflexão teórica sobre essas circunstâncias.

Assim, confirmei que a Prática Pedagógica se revela de grande importância nos alunos em formação, pois torna-nos mais conscientes e responsáveis, fazendo-nos refletir sobre a forma como agimos e nos relacionamos com os outros. Foi ainda fundamental ser obrigada a pesquisar, bem como a estudar e refletir sobre matérias teóricas apresentadas ao longo das Unidades Curriculares dos cursos de Licenciatura e de Mestrado, para poder escrever este Relatório. Com a certeza que o estudo quer de matérias/ conteúdos, procedimentos, metodologias, estratégias de ensino me vão merecer uma sistemática e permanente atualização.

Gostaria ainda de referir que a minha formação académica não termina aqui, vou querer estar em permanente formação e, procurar saber mais na área da Matemática e, dessa forma, envolver-me em projetos inovadores e criativos.

Em jeito de conclusão, o estágio profissional e a elaboração deste relatório permitiu-me olhar com mais acuidade para a realidade educativa, tornou-me mais responsável e fez-me refletir de forma crítica e fundamentada, ou seja, que crescesse bastante como pessoa e sobretudo como futura profissional.

Referências Bibliográficas

Aguera, I. (2008). *Brincar e Aprender na Primeira Infância – Atividades, Rimas e Brincadeiras para a Educação de Infância*. Lisboa: Papa Letras.

Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da Prática Pedagógica – Uma Perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. (2.^a edição). Coimbra: Livraria Almedina.

Almeida, A. (1998). *Visitas de Estudo – Conceção e Eficácia na Aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.

Azevedo, M. (2000). *Teses, relatórios e trabalhos escolares – sugestões para estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.

Caldeira, M. F. T. H. S. (2009). *A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da Matemática*. Dissertação de Doutoramento da Universidade de Málaga: Facultad de Ciencias de la Educacion.

Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Canavarro, J. M. P.; Pereira, A. I. F. & Pascoal, P. (2001). *Diferenciação Pedagógica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus

Condemarín, M. & Chadwick, M. (1987). *A Escrita Criativa e Formal*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.

Cordeiro, M. (2010). *O Livro da Criança – Do 1 aos 5 Anos*. (5.^a edição). Lisboa: A Esfera dos Livros.

Cortesão, L. (1993). *Avaliação Formativa – Que Desafios?* Lisboa: ASA.

Diez, J. (1989). *Família-Escola, uma relação vital*. Porto: Porto Editora

Elkonin, D. B. (1998). *Psicologia do Jogo*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.

Freitas, L. V. & Freitas, C. V. (2003). *Aprendizagem Cooperativa*. Porto: Asa Editores, S.A.

Fernandes, D. (2005). *Avaliação das Aprendizagens: Desafios às Teorias, Práticas e Políticas*. Lisboa: Texto Editores.

Gomes, J. A. (2000). *Da Nascente à Voz - Contributos para uma Pedagogia da Leitura*. Lisboa: Caminho.

- García, M., Roces, C. & González, P. (2002). Nuevas tecnologías y educación. In González-Pienda et al. (coords). *Manual de Psicología de la Educación*. Madrid: Ediciones Pirámide; pp.295-314.
- Gaspar, M. P. (1996). *Dar vida à escola*. Lisboa: Ministério da Educação
- Gênova, A. C. (1998). *Origami Escolar; Dobraduras*. São Paulo: s.n.
- Hohmann, M. & Weikart, D. P. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jesus, J. M. S. (2002). *Educação do Movimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Leite, C. & Fernandes, P. (2002). *Avaliação das aprendizagens dos alunos*. Porto: Edições ASA.
- Lieury, A. e Fenouillet, F. (1997). *Motivação e sucesso escolar*. Lisboa: Editorial Presença.
- Magalhães, V. (2008). A Promoção da Leitura Literária na Infância: “Um Mundo de Verdura” a não Perder. In Sousa, O. & Cardoso, A. (eds.). *Desenvolver Competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa; pp. 55-73.
- Marques, R. (2001). *Saber Educar – Guia do professor*. Lisboa: Editorial Presença.
- Martins, I. P. et al. (2007). *Explorando plantas...Sementes, germinação e crescimento*. (1.^a edição). Lisboa: Ministério da Educação.
- Marques, R.; Davies, D. & Silva, P. (1993). *Os Professores e as Famílias – A Colaboração Possível*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Mialaret, G. (1975). *A Aprendizagem da Matemática*. Coimbra: Almedina.
- Ministério da Educação (1996). *Para uma Escola mais Segura*. Lisboa: Programa de Produção e Educação para a Saúde.
- Ministério da Educação. (2002). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.

- Ministério da Educação (2004). *Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Palhares, P. (2004). *Elementos de Matemática para Professores do Ensino Básico*. Lisboa: Lidel.
- Pérez, M. R. (s.d.). *Estratégias de Aprendizagem na Aula – Desenho e Avaliação*. Madrid: Facultad de Educaçã. Universidad Complutense.
- Pérez, M. R. (s.d.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem-ensino*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Ponte, J. P. & Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da Matemática do 1.º Ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Proença, M. C. (1990). *Ensinar/Aprender História*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L.V. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva
- Pires, S.(2010). *A utilização das T.I.C. pelo educador no Jardim de Infância*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Reis, M.P.I.F.C.P. (2008). *A relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de Doutoramento da Universidade de Málaga. Facultad de Ciências de la Educacion.
- Ribeiro, A. C, & Ribeiro, L. C. (1989). *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o Método de Leitura João de Deus – Apresentação de um suporte interactivo de leitura*. Dissertação de Doutoramento da Universidad de Málaga: Faculdade de Ciências da Educação.
- Sanches, M. (1994) *Aprendizagem Cooperativa: Solução de Problemas em Contexto de Autoregulação*. Lisboa: Edições ASA
- Silveira-Botelho, A. T. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de Doutoramento da Universidad de Málaga: Facultad de Ciências de la Educacion.

Veloso, R. M. (2001). *Literatura Infantil e Práticas Pedagógicas*. Malasartes, Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude, nº 6, Lisboa (22-24).

Teberosky, A. & Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever – Uma proposta construtiva*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artmed. Original em Espanhol publicado em 1996.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA

